



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE TECNOLOGIA
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

AILLA CAROLINE DE CARVALHO RAIOL
201504340025

UMA ANÁLISE DOS DETALHES ARQUITETÔNICOS DA CASA
78 DA VILA BOLONHA, BELÉM-PA: A Singularidade do
Engenheiro Francisco Bolonha

BELÉM - PARÁ
2019

AILLA CAROLINE DE CARVALHO RAIOL

201504340025

**UMA ANÁLISE DOS DETALHES ARQUITETÔNICOS DA CASA
78 DA VILA BOLONHA, BELÉM-PA: A Singularidade do
Engenheiro Francisco Bolonha**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, como requisito para a obtenção do título de Arquiteto e Urbanista pela Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cybelle Salvador Miranda.

BELÉM - PARÁ

2019

AILLA CAROLINE DE CARVALHO RAIOL
201504340025

**UMA ANÁLISE DOS DETALHES ARQUITETÔNICOS DA CASA 78 DA VILA
BOLONHA, BELÉM-PA: A Singularidade do Engenheiro Francisco
Bolonha**

Belém (PA), 16 de Dezembro de 2019

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a. Dr.^a. Cybelle Salvador Miranda

Universidade Federal do Pará
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Prof. Dr. Ronaldo Nonato Ferreira Marques de Carvalho

Universidade Federal do Pará
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

Prof.^a Dr.^a Elna Maria Andersen Trindade

Universidade Federal do Pará
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo

BELÉM - PARÁ
2019

À mais forte das guerreiras, Elzira
Antônia de Sousa Raiol (*in memoriam*).
Obrigada, Vó! Sua “preta” agora é
Arquiteta e Urbanista.

AGRADECIMENTOS

Walt Disney uma vez disse que eu poderia sonhar, criar, desenhar e construir o lugar mais maravilhoso do mundo mas que era necessário eu ter pessoas para transformar meu sonho em realidade. Bom, sou muito grata a Deus/Cosmos/Universo por ter colocado as melhores pessoas do mundo perto de mim para tornar tudo isso real.

Não há palavras suficientes para agradecer à minha mãe Elicilda Carvalho e meu pai André Raiol por todo suporte, carinho, cuidado e amor a mim dados. Eles com certeza são os melhores pais do mundo. Aguentaram e lutaram junto comigo cada crise de ansiedade, cada choro desesperado, cada frustração e também viveram e comemoraram comigo cada vitória e vão comemorar mais esta.

Por conseguinte, quero agradecer a melhor orientadora que eu poderia ter: Cybelle Salvador Miranda. Sem toda sua organização, atenção e dedicação, eu jamais teria conseguido concluir este trabalho.

Gostaria de agradecer ao meu irmão Arlei Raiol. Além do apoio psicológico e do companheirismo desde que éramos crianças, ele foi meu motorista, fotógrafo, escala humana, desenhista, segurança etc. Sem ele esse TCC não seria realizado.

Quero agradecer também por todo carinho, doçura, paciência e alegria de criança da minha irmã Ellouise Raiol. Ela foi luz quando eu só enxergava escuridão.

Sou grata também pela existência da minha cachorrinha Lilly. Com toda sua sensibilidade animal, ela sempre percebia quando eu precisava de distração e uma lambida de amor.

Agradeço também ao meu namorado Alex Yasushi, pois ele apareceu na minha vida para trazer calma e conforto. Ele foi digitador, professor de elétrica, formatador de trabalhos e companheiro para todas as horas.

Gostaria de agradecer também à minha tia Elenilce Carvalho, ou simplesmente tia Big, pois ela esteve sempre presente na minha vida me apoiando e sempre dando suporte quando meus pais não podiam dar.

Gratidão às minhas avós Oneide Carvalho e Elzira Raiol (*in memoriam*), pois sempre me acalentaram e me torceram pelo meu sucesso. Agradeço a todos os membros da minha família que ajudaram nesta jornada.

Gratidão a Israel Júnior, Ana Clara Vizeu, Yasmim Miranda, Breno Torres, Alana Almeida e Luan Karlos por toda amizade e companheirismo e também a Guadino Pimentel, Eduarda Tavares e Luana Gaia por terem me recebido tão bem na turma 8º semestre por terem entendido cada aflição minha.

Ao LAMEMO e a Wagner Ferreira, Larissa Leal, Vithória Silva, Salma Nogueira, Lívia Gaby, Camila Trindade e a todos os integrantes deste laboratório que me inspiraram a seguir na área do patrimônio.

Um agradecimento muitíssimo especial às minhas meninas “Bolonhas” Carol Meireles e Raíssa Silva que participaram diretamente na minha pesquisa produzindo material teórico e gráfico, além das parcerias em visita a campo.

Ao projeto “*A Casa Senhorial, Portugal, Brasil e Goa*”, *Anatomia dos Interiores* da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa em associação com Fundação Casa Rui Barbosa por me introduzir à pesquisa sobre Palacete Bolonha e Vila Bolonha.

A todos os funcionários e usuários do Palácio Bolonha-Centro da Terceira Idade, por serem tão gentis em me acolher e me permitir viver meu objeto de pesquisa. Em especial a Éder Silva e Karina Soares por toda solicitude.

Ao Sr. Henrique Soares (pai) por me permitir entrar em sua residência e responder a inúmeras perguntas sobre a Casa 78, além de nos permitir acessar os seus arquivos fotográficos pessoais e documentos.

Gostaria de agradecer também os professores da FAU-UFPA que marcaram esta jornada e que de alguma forma não deixaram eu desistir deste sonho: Luiz de Jesus Dias, José Júlio Lima, Raul Ventura Neto, Juliana Moreira, Ronaldo Marques de Carvalho e Elna Trindade. Vocês são incríveis e inspiradores!

Por fim, gostaria de agradecer a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a minha formação como Arquiteta e Urbanista. É uma conquista de todos nós!

“Você pode sonhar, criar, desenhar e construir o lugar mais maravilhoso do mundo. Mas é necessário ter pessoas para transformar seu sonho em realidade. ”

(Walt Disney)

RAIOL, Ailla. **Uma Análise dos Detalhes Arquitetônicos da Casa 78 da Vila Bolonha, Belém-Pa: A Singularidade do Engenheiro Francisco Bolonha.** Trabalho de Conclusão de Curso apresentado para a obtenção do título de Arquiteta e Urbanista. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Instituto de Tecnologia. Universidade Federal do Pará, 2019.

RESUMO

O presente trabalho intitulado Uma análise da Casa 78 da Vila Bolonha em Belém-PA: A Singularidade do Engenheiro Francisco Bolonha é uma pesquisa sobre a caracterização dos detalhes arquitetônicos (decorativos e construtivos) que diferenciam, individualizam e singularizam a Casa 78 da Vila Bolonha em Belém-PA, com a finalidade ser subsídio para a preservação do patrimônio arquitetônico em questão caso este venha sofrer intervenções futuras. No Capítulo I, se faz uma abordagem fundamentalmente teórica e histórica esclarecendo as conexões entre Belle Époque, Ecletismo e o engenheiro Francisco Bolonha, além de inserir a Vila Bolonha e a Casa 78 no contexto estudado. No Capítulo II, é feito um diagnóstico espacial e do sistema construtivo da Casa 78. E por fim, no Capítulo III, são elucidados conceitos essenciais no âmbito da preservação do patrimônio cultural, são estes: Preservação, Identidade e Autenticidade. Ademais, é realizado uma síntese das cartas patrimoniais pertinentes ao presente estudo para fundamentar os meios de preservação.

Palavras-chave: Casa 78; Detalhes; Bolonha; Patrimônio Cultural.

ABSTRACT

The present work entitled *An analysis of the House 78 of Bolonha Village in Belém-PA: The Singularity of the Engineer Francisco Bologna* is a research about the characterization of the architectural details (decorative and constructive) that differentiate, individualize and singularize the House 78 of Vila Bologna in Belém-PA, with the purpose of being subsidy for the preservation of the architectural heritage in question in case it will suffer future interventions. In Chapter I, a fundamental theoretical and historical approach is made clarifying the connections between Belle Époque, Eclectism and the engineer Francisco Bologna, as well as inserting Bolonha Village and the House 78 in the studied context. In Chapter II, a spatial and construction system diagnosis of House 78 is made. Finally, in Chapter III, essential concepts are elucidated in the context of the preservation of cultural heritage: Preservation, Identity and Authenticity. In addition, a summary of the heritage charts pertinent to the present study is made to support the means of preservation.

Keywords: House 78; Details; Bolonha; Cultural heritage.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Vista do Theatro da Paz com Avenida Nazaré, centro da capital paraense.....	16
Figura 2 -	C. Daly, Motifs Historiques d'Architecture et de Sculpture d'Ornement, Paris 1869.....	18
Figura 3 -	Francisco Bolonha no hall de acesso ao Palacete.....	20
Figura 4 -	Palacete Bibi Costa.....	21
Figura 5 -	Palacete Bolonha.....	22
Figura 6 -	Topo da escada em ferro do Mercado de Carne de Belém de autoria de Francisco Bolonha.....	23
Figura 7 -	Sucursal do Corpo de Bombeiros Municipais.....	24
Figura 8 -	A Vila Bolonha.....	24
Figura 9 -	Passagem Bolonha.....	25
Figura 10 -	Parapeito em ferro fundido com monograma “FB” da casa 78 da Vila Bolonha.....	25
Figura 11 -	Janela de uma das casas da Vila Bolonha- revestimento em relevo com bossagem em massa.....	26
Figura 12 -	Coberturas com grande inclinação.....	26
Figura 13 -	Localização da Casa 78.....	27
Figura 14 -	Acesso Principal do Palácio Bolonha.....	28
Figura 15 -	Recepção do Palácio Bolonha.....	28
Figura 16 -	Administrativo do Palácio Bolonha.....	28
Figura 17 -	Área para Musculação do Palácio Bolonha.....	29
Figura 18 -	Uma das três piscinas para hidroginástica e natação do Palácio Bolonha.....	29
Figura 19 -	Agência interna de turismo.....	29
Figura 20 -	Francisco Bolonha com sua família. Sobrinha Elza Campos Soares (em destaque no círculo vermelho).....	30
Figura 21 -	Título de Propriedade da Casa 78.....	31
Figura 22 -	Termo de Ratificação de Posse de Elza Campos Soares.....	32
Figura 23 -	Escada de Macacaúba que dá acesso à academia.	33
Figura 24 -	Planta Baixa do Pavimento Térreo (Sem escala).....	34
Figura 25 -	Planta Baixa do Primeiro Pavimento (Sem escala).....	35
Figura 26 -	Planta Baixa do Porão (Sem escala).....	36
Figura 27 -	Paredes em azul pastel - RECEPÇÃO.....	38
Figura 28 -	Paredes em azul pastel - SALA DE IOGA.....	39
Figura 29 -	Fachada – Vista 1.....	39
Figura 30 -	Fachada – Vista 2.....	40
Figura 31 -	Cobertura/Telhados da Vila Bolonha – Vista do Palacete Bolonha com visão da Passagem Bolonha.....	40
Figura 32 -	Cobertura/Telhados da Vila Bolonha – Vista do Palacete Bolonha.....	41
Figura 33 -	Conchas (em magenta)	42
Figura 34 -	Águas-furtadas (em verde)	42

Figura 35 - Lajota cerâmica - piso banheiro superior.....	43
Figura 36 - Piso em madeira - Administração.....	43
Figura 37 - Piso em madeira – Sala de reuniões.....	44
Figura 38 - Piso em madeira – Sala de loga.....	44
Figura 39 - Piso em madeira – Hall da escada 1º pavimento.....	44
Figura 40 - Composição de Ladrilhos Hidráulicos no hall da escada caracol.....	46
Figura 41 - Composição de Ladrilhos Hidráulicos na Recepção (sala de visitas)	46
Figura 42 - Composição de Ladrilhos Hidráulicos no Hall de entrada.....	47
Figura 43 - Mercado de Carne ou Mercado Bolonha.....	48
Figura 44 - Parapeitos em ferro fundido da fachada da Casa 78.....	49
Figura 45 - Óculos do Porão em ferro fundido – com danos.....	49
Figura 46 - Detalhe “FB”	50
Figura 47 - Gradis na Platibanda.....	50
Figura 48 - Portão do acesso Principal.....	51
Figura 49 - Detalhe “FB” do portão.....	51
Figura 50 - A escada caracol.....	52
Figura 51 - A escada caracol – Detalhes	52
Figura 52 - A escada caracol – Guarda-corpo.....	53
Figura 53 - A escada caracol vista de cima.....	53
Figura 54 - Escada resgatada do Palacete Bolonha.....	54
Figura 55 - Assoalho do Palacete Bolonha em acapu e pau amarelo....	55
Figura 56 - Forros de Ventilação pavimento superior.....	55
Figura 57 - Forros de Ventilação.....	56
Figura 58 - Forros de Ventilação – detalhe.....	56
Figura 59 - Forro do Hall da Escada.....	57
Figura 60 - Forro da Administração.....	57
Figura 61 - Piso da Sala de Reunião.....	57
Figura 62 - Exemplar de Janela da Fachada Principal - Parte Externa..	58
Figura 63 - Exemplar de Janela da Fachada Principal - Parte Interna...	58
Figura 64 - Exemplar de Janela da fachada posterior.....	59
Figura 65 - Fechaduras e trincos. Detalhe do encaixe após dobradura de folhas (em magenta).....	59
Figura 66 - Porta da casa 78 – Almojarifado.....	60
Figura 67 - Porta da casa 78 - Entrada.....	60
Figura 68 - Portas da casa 78 – Ambientes Internos	61
Figura 69 - Porta da casa 78 - Copa.....	61
Figura 70 - Lustre - Administração.....	62
Figura 71 - Lustre - Sala de loga.....	63
Figura 72 - Luminária - Banheiro Pav. Superior.....	63
Figura 73 - Lustre - Banheiro Pav. Superior.....	64
Figura 74 - Lustre - Sala de Pintura.....	64
Figura 75 - Lustre - Hall da Escada	65
Figura 76 - Lustres e Luminárias da Casa 78 – Sala de reunião.....	65
Figura 77 - Pia de Porcelana Emoldurada Por Azulejos Com A Monograma “FB”	66
Figura 78 - Suporte de toalhas.	66

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I - FRANCISCO BOLONHA E A BELLE ÉPOQUE PARAENSE.15	
1.1. Uma Visão Geral de Belle Époque: Europa, Brasil e Belém-PA.....15	
1.2. O Engenheiro Francisco Bolonha e sua representatividade na Arquitetura Belenense do início do século XX.....	20
1.3. A Vila Bolonha.....	24
CAPÍTULO II - ANÁLISE DA ARQUITETURA E DOS DETALHES DA CASA 78 DA VILA BOLONHA.....	27
2.1. Breve histórico e uso atual da edificação.....	27
2.2. Diagnóstico espacial.....	33
2.3. Sistema construtivo: Detalhes singulares.....	38
2.3.1. Visão Geral.....	38
2.3.2. Os Ladrilhos Hidráulicos.....	43
2.3.3. Elementos da Arquitetura Metalúrgica.....	47
2.3.4. Os Elementos em Madeira.....	54
2.3.5. Elementos Decorativos.....	62
CAPÍTULO III – ELEMENTOS AUTÊNTICOS: A SINGULARIDADE DE BOLONHA.....	68
3.1. Patrimônio, Identidade e Autenticidade: Conceitos Fundamentais....	68
3.2. As Cartas Patrimoniais: Guias sobre Como Preservar.....	71
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	78
REFERÊNCIAS.....	79
ANEXOS.....	82

INTRODUÇÃO

O presente trabalho intitulado Uma análise da Casa 78 da Vila Bolonha em Belém-PA: A Singularidade do Engenheiro Francisco Bolonha é uma pesquisa sobre a caracterização dos detalhes arquitetônicos (decorativos e construtivos) que diferenciam, individualizam e singularizam a Casa 78 da Vila Bolonha em Belém-PA, com a finalidade ser subsídio para a preservação do patrimônio arquitetônico em questão caso este venha sofrer intervenções futuras.

O objeto de pesquisa foi escolhido com a intenção primeira de produzir material para a composição do projeto “*A Casa Senhorial, Portugal, Brasil e Goa*”, *Anatomia dos Interiores* da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa em associação com Fundação Casa Rui Barbosa.

Contudo, esta pesquisa é relevante também para a geração de recomendações de preservação das Casas da Vila Bolonha como patrimônio cultural e histórico da cidade de Belém-PA, pelo destaque do engenheiro Francisco Bolonha, baseadas na análise da importância dos detalhes arquitetônicos presentes na casa 78, como representante de tais casas, visando, portanto, a preservação de sua autenticidade, visto que a Vila Bolonha é um importante conjunto arquitetônico de representação da Belle Époque em Belém-PA proporcionada pela Economia da Borracha na Amazônia (1879-1912).

Tal complexo foi construído ao lado do imponente Palacete Bolonha com as fachadas voltadas para a Passagem Bolonha, e, segundo Lobato, Arruda e Ramos (2007), na Vila Bolonha nota-se uso de vários materiais semelhantes aos do palacete, como coberturas com grande inclinação e algumas com águas furtadas e gradis em metal. Tem-se, portanto, marcas da singularidade do Engenheiro Francisco Bolonha.

A casa 78 em si, mostra-se como uma “casa tipo”, ou seja, suas formas, volumes e organização se repetem na maioria das casas da Vila, facilitando e abrangendo, pois, a maior parte do complexo. Tem expressividade, também, por ter sido de uso residencial em grande parte de sua existência segundo relatos dos atuais proprietários e gestores do Palácio Bolonha-Espaço da Terceira idade (empreendimento não-governamental existente dentro do edifício hoje). Por fim,

seu estado conservação é aceitável para o desenvolvimento desta pesquisa o que auxilia a ratificação dos dados arquitetônicos-históricos procurados.

O objetivo principal deste trabalho de conclusão de curso é servir de referência para possíveis projetos de preservação e/ou restauração das Casas da Vila Bolonha, a partir da análise da importância dos detalhes arquitetônicos presentes na casa 78 como representante de tais casas, a partir da leitura das Cartas Patrimoniais, visando, portanto, a preservação de sua autenticidade e evidenciando a singularidade de seu projetista.

Outrossim, este estudo tem como objetivos específicos identificar principais detalhes arquitetônicos presentes na casa 78 da Vila Bolonha, sejam estes decorativos e/ou construtivos através da descrição arquitetônica, caracterizar os detalhes identificados através da comparação com os detalhes dos palacetes Bolonha e Bibi Costa – construídos por Francisco Bolonha - e similares de importância na cidade compreendendo a importância dos detalhes da arquitetura de engenheiro na cidade de Belém-PA. Além disso, a pesquisa contribui para a composição do Projeto “*A Casa Senhorial, Portugal, Brasil e Goa*”, *Anatomia dos Interiores* da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade NOVA de Lisboa em associação com Fundação Casa Rui Barbosa.

Para tais fins, os procedimentos metodológicos que foram realizados para a execução das tarefas vinculadas à pesquisa em questão consistem em elaboração de referencial teórico sobre a Belle Époque, Ecletismo, Francisco Bolonha, o Palacete Bolonha e a Vila Bolonha explorando aspectos ligados à forma, a estética e aos detalhes arquitetônicos relevantes dessas edificações, levantamento de dados sobre a edificação e de alguns exemplares da arquitetura eclética a cidade de Belém que possuam elementos arquitetônicos e tipologias semelhantes. Também foram realizadas entrevistas com ex-moradores da casa e atuais usuários, a fim de adquirir mais informações sobre o objeto de estudo.

Após o levantamento destas informações, foi realizada a análise dos dados coletados sobre as edificações ecléticas, levando em consideração o referencial teórico elaborado e desenvolveu-se bases para orientações de preservação compatíveis com a história e representatividade da construção e a partir destes, foram redigidos três capítulos para a pesquisa.

No Capítulo I, se faz uma abordagem fundamentalmente teórica e histórica esclarecendo as conexões entre *Belle Époque*, Ecletismo e o engenheiro Francisco Bolonha, além de inserir a Vila Bolonha e a Casa 78 no contexto estudado.

No Capítulo II, é feito um diagnóstico espacial e do sistema construtivo da Casa 78, evidenciando os espaços, acessos, além de materiais e técnicas presentes na construção. No mesmo capítulo, são caracterizados os principais detalhes arquitetônicos da residência que justificaram a pesquisa.

E por fim, no Capítulo III, são elucidados conceitos essenciais no âmbito da preservação do patrimônio cultural, são estes: Preservação, Identidade e Autenticidade. Ademais, é realizado uma síntese das cartas patrimoniais pertinentes ao presente estudo.

CAPÍTULO I - FRANCISCO BOLONHA E A BELLE ÉPOQUE PARAENSE

1.1. Uma Visão Geral de Belle Époque: Europa, Brasil e Belém-PA

Pelas palavras de Lúcia Maria Paschoal Guimarães (2012) no Dicionário Histórico de Palavras, Costumes e Mentalidades, em verbete preparado por Jacques Boudet, lê-se que a expressão La Belle Époque aparece no final da Primeira Grande Guerra, para nomear de modo nostálgico o alvorecer do século XX, percebido como um ciclo de estabilidade, de paz e de felicidade, em contraste com a dura experiência vivenciada durante os anos do sangrento conflito, que alterou o mapa da Europa”. Para Geraldo Mártires Coelho, o que ficou configurado como Belle Époque, no que ele chama de léxico da História Cultural, foi um complexo processo de relações culturais, sociais e mentais, materiais e políticas, desenvolvidas no interior de um repertório da burguesia e da sua afirmação no interior dos quadros hegemônicos do capitalismo industrial no final do século XIX.

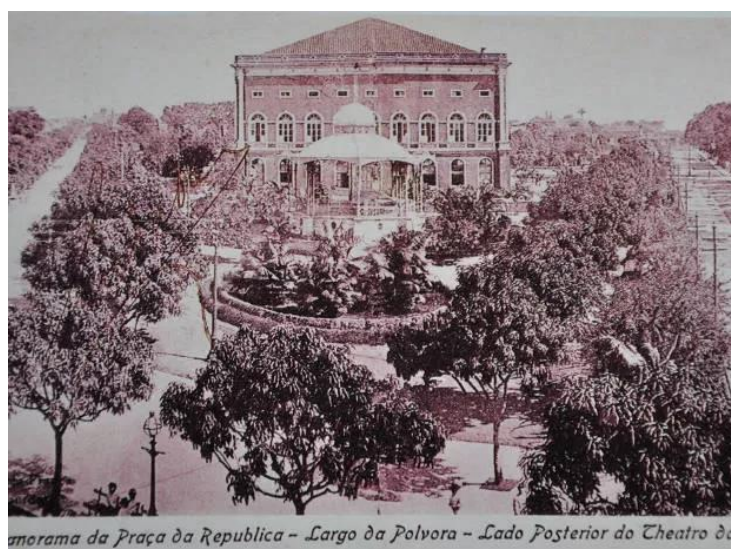
Manuel Alexandre Madruga (2012) explica que a Belle Époque corresponde ao período compreendido entre o final do século XIX (aproximadamente cerca de 1880) e a eclosão da Primeira Guerra Mundial, em 1914, no qual ocorreram mudanças profundas fomentadas pelo surgimento de novas tecnologias como o telefone, o telégrafo sem fio, o cinema, a bicicleta, o automóvel, o avião, entre outras invenções. Paris, a capital da França era vista como grande inspiração e torna-se o centro cultural mundial em razão dos cafés-concertos, balés, operetas, livrarias, teatros, boulevards e a alta costura (MADRUGA, 2012).

Os efeitos dos diferentes aspectos da Belle Époque Parisiense não podiam deixar de influenciar a sociedade brasileira que tinha os olhos voltados para o país e a cidade que representavam o exemplo do progresso, da civilização (MÉRIAN, 2012). Tendo em vista estes aspectos, devemos considerar o início da Belle Époque brasileira em 1889, com a Proclamação da República, levando-o até 1922, ano da explosão do Movimento Modernista. O então nascente regime – a República – desejava inaugurar uma nova era no Brasil e por isso procurou minimizar tudo que remetia ao Império e a colonização portuguesa. As artes tomaram novos rumos, aproximando-se, portanto, das culturas francesa e italiana (MADRUGA, 2012). Identificada com as práticas culturais aristocráticas

do eixo Paris-Londres, a Belle Époque do Brasil alcança o seu apogeu nas duas primeiras décadas do século XX. A historiografia costuma eleger como um dos símbolos desse período as intervenções urbanas promovidas pelo prefeito Pereira Passos na área central do Rio de Janeiro, que deu feições brancas e europeias à capital federal, transformando-a em vitrine do novo regime (GUIMARÃES, 2012).

Para Méiran (2012), a Belle Époque Brasileira se restringiu à apenas algumas cidades do país, dentre estas, tem-se Belém, cidade berço do objeto desta pesquisa. Nos anos de 1870 a 1913, Belém viveu o esplendor de sua economia, o que lhe permitiu a consolidação de um modelo de sociedade moderna e luxuosa jamais vista novamente. As riquezas advindas da extração do látex, realizada nas seringueiras da floresta amazônica, possibilitaram, no cenário belenense, intensas transformações percebidas nas artes, na cultura e na urbanização da cidade (SARGES, 1990). Segundo Adriana Modesto Coimbra (2014), Belém se desenvolveu em trinta anos (de 1890 a 1910), em ritmo mais acelerado do que havia se desenvolvido nos duzentos anos anteriores, sendo, portanto, a Belle Époque paraense.

Figura 1: Vista do Theatro da Paz com Avenida Nazaré, centro da capital paraense.



Fonte: Divulgação da exposição “Belém Memória”.

As condições locais, do país e do mundo enredavam modernização da cidade nos moldes em que ela foi pensada e executada. Ou seja, na última década do século XIX e nas primeiras do século XX, Belém do Pará passou por ampla

reforma urbana sistematizada pelas teorias higienistas que visavam organizar o espaço urbano e “curar os males das cidades modernas”, gerando debates entre personalidades políticas, administradores, capitalistas e engenheiros. (COSTA,2016).

Durante este período, destacava-se o estilo arquitetônico eclético. O termo ecletismo alude à Revolução Francesa. Significava um sistema racional de seleção de pensamentos ou elementos do passado apropriados ao uso na época. Difunde-se na arquitetura durante o século XIX como uma “abordagem erudita capaz de integrar valores regionais fundados na figuração do redesenho tipológico ” (ANDRADE, 2006).

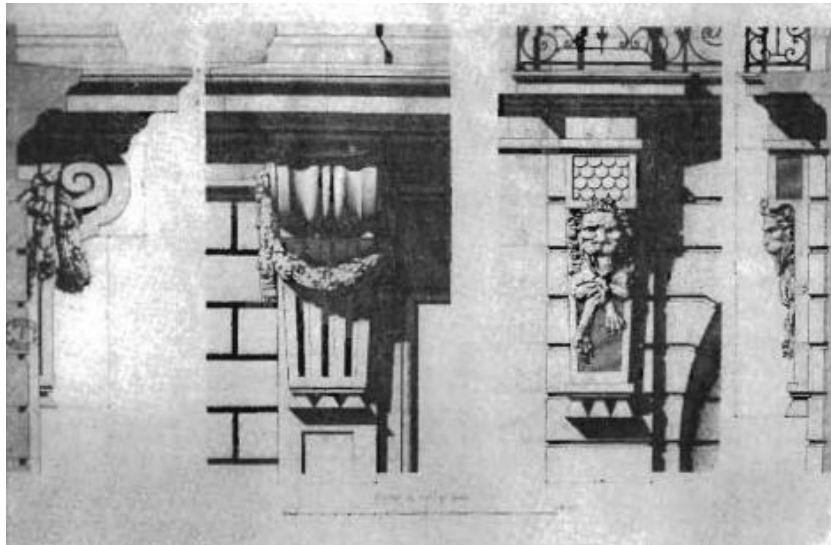
Para Sívio Colin (2010), o ecletismo é uma tendência filosófica derivada do conflito de culturas e do embate de ideias que leva a escolher o que parece verdade por um sistema de pensamentos. “Esta atitude gera um conjunto de ideias caracterizado por infiltrações recíprocas entre os sistemas filosóficos puros, aos quais, muitas vezes, falta originalidade ou coesão” (COLIN,2010).

Em Arquitetura, para o mesmo autor, costuma-se designar, *stricto sensu*, por Ecletismo prática acadêmica do mundo ocidental, acontecida entre as últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX:

[...]orientada para questões estilísticas, segundo a qual todos os estilos e tendências históricas da tradição ocidental – grego, romano, gótico, renascentista, barroco, juntamente com arquiteturas exóticas – chinesa, japonesa, indiana, mourisca – são considerados, isoladamente ou conjugados entre si, como tipos ou modelos para edifícios a serem projetados, podendo ainda fornecer figuras para a composição mural destes (COLIN, 2010).

Para uma das concepções de Luciano Patetta, um dos principais teóricos sobre o tema, “O Ecletismo era a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida), amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica ao nível da moda e do gosto”.

Figura 2: C. Daly, Motifs Historiques d'Architecture et de Sculpture d'Ornement, Paris 1869.



Fonte: PATETTA, L. 1935.

Sobre este tema, parafraseando Patetta, Artur Simões Rozestraten (2009) apresenta:

Uma arquitetura que, antes de tudo, atende ao desejo daqueles que detêm o poder financeiro, materializa seus sonhos, e funda, assim, um mutualismo entre clientes, seus arquitetos e lojas, que ultrapassa a obra e ganha visibilidade social como expressão de status; uma arquitetura que preza a liberdade compositiva e usa todo o repertório formal anterior – mesmo das produções mais recentes – como referências plásticas. Com isso, revigora a noção de estilo, e pretende conferir consistência histórica à sua própria produção; uma arquitetura que consegue conjugar a marca pessoal do arquiteto às flutuações do gosto, e é mais resistente ao “novo novíssimo” do que à ressurreição do “velho novo de novo” revivido, agora, como “clássico”; uma arquitetura que se funda na tecnologia, no conforto, nas possibilidades da indústria, e na avidez pelos últimos lançamentos e novidades do mercado da construção civil; uma arquitetura que supervaloriza as superfícies com intenções narrativas e decorativas – especialmente as fachadas voltadas para as vias públicas –, assim como supervaloriza o espaço privado no interior das edificações, em detrimento do espaço externo, possivelmente público; uma arquitetura que se espelha em padrões estéticos e ambientais – tomados como modelo de civilização –, e pretende caracterizar seus proprietários como agentes avançados, representantes desse modelo superior, em seu meio.

Segundo Carlos Lemos (apud. GILLET, 2006), o conceito do ecletismo filosófico tolerava a coexistência de modos de pensar diferentes, o que desta forma, acabava por conciliar diferentes correntes e comportamentos, mas, a arquitetura brasileira não acompanhou este princípio. Para o autor, o ecletismo nos estilos chegou na arquitetura sem uma definição exata e aplicada sem maiores especulações. Annateresa Fabris (1995), discursa sobre:

No centro de uma das questões fundamentais do Ecletismo está a da representação, a da teatralização da vida. Não é por acaso que sua manifestação mais importante se concentra na fachada... a arquitetura deve ser representativa, deve evidenciar através da forma exterior e da estrutura o status de seu ocupante, seja ele o Estado, seja ele o indivíduo particular. É por isso que a decoração se torna um elemento indispensável a ser usado em larga escala, que se multiplica a função ilusionista dos materiais, que o erudito e o pitoresco se mesclam: é necessário sublinhar o caráter de obra de arte total inerente à cidade e nada é mais adequado do que pontilhá-la de monumentos. [...] Assiste-se nos bairros de classe média e mesmo em bairros mais populares o surgimento de edificações estruturalmente simples, mas marcadas por detalhes decorativos, que sintetizavam as aspirações de prestígio e ascensão social de seus habitantes e a vontade de contribuir, na medida do possível, à qualificação e ao embelezamento da cidade, patrimônio imaginário comum de toda a sociedade.

Já para Belém-PA, Gillet (2006) afirma:

Com a riqueza da borracha, mais precisamente no final do século XIX, a capital paraense era modernamente construída seguindo um novo comportamento social, dito civilizado-europeu. Neste caso, a maior proximidade dos grandes centros europeus, promovida pela intensa transição de produtos, importou – para a classe mais rica – construindo um novo estilo de morar, o Ecletismo. Este estilo arquitetônico foi considerado muito mais que uma simples manifestação artística: ele era o símbolo de modernidade, considerado o progresso e a nova visão de conforto.

Para finalizar, Ana Léa Nassar Matos (2003), arquiteta, professora e doutora paraense, em sua dissertação sobre a arquitetura eclética de José Sidrim, resume:

As preocupações com a higiene e o conforto são outras exigências da moradia do século XIX. Os ambientes para cuidados corporais ganham novo tratamento. As salas de banho - local dotado de todo o mobiliário da higiene pessoal além do vaso sanitário - e o WC - maneira inglesa de identificar banheiro e/ou sala de banho - avizinham-se aos lugares de maior permanência, como sala de estar e dormitórios, dispendo de instalações e equipamentos sanitários atualizados com as novidades do mercado. No final do século XIX, também no Brasil, a burguesia local, através do Ecletismo, manifesta sua adesão aos novos costumes.

1.2. O Engenheiro Francisco Bolonha e sua representatividade na Arquitetura Belenense do início do século XX

Das grandes personalidades do período da Belle Époque, tem-se o nobre grupo de engenheiros, e destes, frisa-se o engenheiro Francisco Bolonha que executou construções que se destacaram pela verticalidade na paisagem urbana da cidade no final do século XIX e início do XX, como o prédio do antigo jornal Folha do Norte, o Palacete Bibi Costa e o Palacete Bolonha (COSTA, 2016).

Figura 3: Francisco Bolonha no hall de acesso ao Palacete.



Fonte: Acervo da família Bolonha, s.d.

Para Lobato, Arruda e Ramos (2007), Bolonha imprimiu no espaço urbano de Belém significativos exemplares do Ecletismo, estilo arquitetônico que colige

outros estilos como o Neoclássico, o art-nouveau, o barroco e o rococó. Tal aspecto introduziu novas técnicas e materiais de construção com uso harmônico de estruturas metálicas, vidros, azulejos, pastilhas, estuques, telas de tecido, coberturas em ardósia, tijolos em vidro e o concreto armado. Além disso, Bolonha mostrou trajetória muito semelhante ao de outros homens de sua família, tornando-se, além de um engenheiro respeitado, funcionário público e um comerciante sempre empenhado em trazer novidades para Belém (COIMBRA, 2014).

No ínterim do “Ciclo da Borracha” em Belém-PA, surgiram numerosas construções particulares chamadas de palacetes. Os proprietários eram ricos comerciantes, políticos e milionários da época e seus sobrenomes identificavam os imóveis por eles construídos: Pinho, Faciola, Bolonha, Montenegro, entre outros. Em certas ocasiões, nos salões desses palacetes, eram decididos o futuro político e econômico do município e do Estado. Ademais, essas residências eram cenário do que era considerado “o melhor” na vida social paraense. “Neles aconteciam suntuosos saraus, recitais, bailes, jantares, onde desfilavam a elegante moda parisiense e londrina, importadas com exclusividade pela elite belenense” (LOBATO, 2007), destes, são importantes produções de Francisco Bolonha o Palacete Bibi Costa e a edificação de própria residência, o Palacete Bolonha.

Figura 4: Palacete Bibi Costa



Fonte: <http://belemepoque.com/> (acessado em: 26/05/2019).

Figura 5: Palacete Bolonha.



Fonte: RODRIGUES, C.M. (2018).

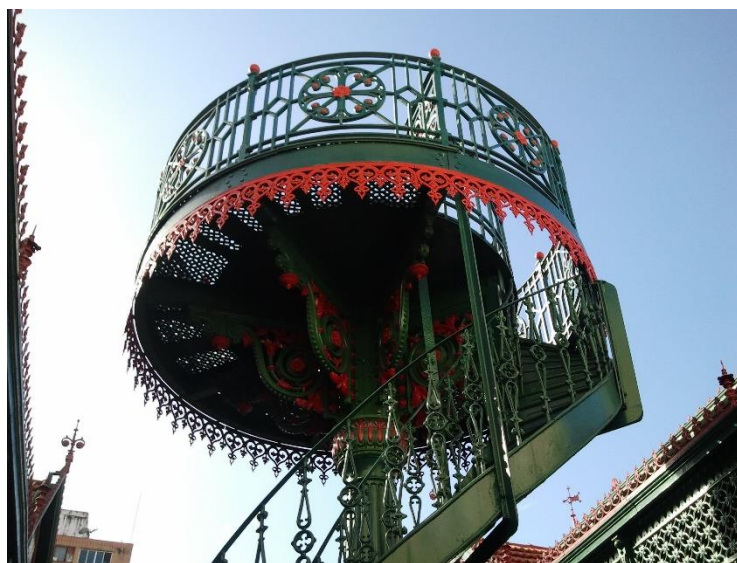
Segundo Adriana Modesto Coimbra (2014), através dos projetos de Francisco Bolonha fortalece-se em Belém a “Arquitetura Metalúrgica”, arquitetura esta que simbolizava a modernidade e o higienismo. Entre 1890 e as primeiras décadas do século XX, um contexto mundial e nacional que favorecia a importação destes produtos. Havia grande relevância nessa modernização, já que o desenvolvimento no país era lento, como cita a mesma autora (2014):

Lembremo-nos que no final do século XIX, o Brasil era um país agrário e comercial e, apesar da importância da siderurgia para o país, foram dados pequenos passos nesta área durante o dezoito. Somente a partir de 1920 começou a ser desenvolvida uma siderurgia nacional que fizesse frente aos países Europeus e aos Estados Unidos, polos da industrialização. Aliado a isto, havia a prosperidade econômica que o Brasil experimentava desde a década de 1880, época em que surgiu uma burguesia enriquecida pelo comércio e pelo cultivo e extração do café, da borracha, do algodão, do cacau e de outros produtos. Esta burguesia, rapidamente, passou a importar todo tipo de produtos manufaturados e industrializados para o seu consumo e conforto.

Na Europa, a arquitetura metalúrgica apresentou-se com a finalidade de atender a burguesia em ascensão. Em Belém, esta arquitetura significava funcionalidade, contudo, como já sobre citado, representava ideais higiênicos e modernos. Além disso, buscavam-se uma sofisticação de gosto e estética que, no imaginário das elites, era possível encontrar somente na Europa.

Tal recorte bibliográfico tem relevância pois representa a Economia do Látex na Amazônia, o governo de Antônio Lemos, e Francisco Bolonha foi presença atuante no cenário político e social de Belém durante o período de 1897 a 1938. Bolonha viveu o auge e o declínio da exportação do látex além de imprimir na cidade importantes representantes da arquitetura de ferro (COIMBRA, 2014).

Figura 6: Topo da escada em ferro do Mercado de Carne de Belém de autoria de Francisco Bolonha.



Fonte: Blog da FAU/UFPA. Acessado em: 17/06/2019.

Francisco Bolonha nasceu em Belém do Pará no dia 22 de outubro de 1872. Seus pais eram o Sr. Francisco de Paula Bolonha Loureiro e Dona Henriqueta Adelaide Rodrigues Bolonha. Bolonha realizou seus estudos primário e secundário no Colégio Americano. Viajou para o Rio de Janeiro, onde se matriculou na Escola Politécnica, em 1890. Ao concluir o curso de Engenharia Civil, em 1894, foi para a Europa e fixou residência em Paris, onde realizou vários cursos de aperfeiçoamento. Posteriormente, se especializou em hidráulica, na Holanda e na Inglaterra. O conhecimento que ele adquiriu sobre sistemas e redes de encanamento foram fundamentais para o progresso de Belém.

Regressou da Europa no final do século XIX, resolveu morar em sua cidade natal e dar início a uma série de obras que enriqueceram a arquitetura de Belém, como o Mercado Municipal, a Sucursal dos Bombeiros, a Fábrica de Gelo, os Palacetes, o Sistema de abastecimento de Água Potável do Utinga, os

Quiosques, o prédio do Jornal “Folha do Norte”, a fundação da Escola de Engenharia do Pará entre outras que são consideradas de grande importância na história local (LOBATO, ARRUDA, RAMOS,2007).

Figura 7: Sucursal do Corpo de Bombeiros Municipais



Fonte: Blog da FAU/UFPA. Acessado em 17/06/2019.

1.3. A Vila Bolonha

Pelas palavras de Lobato, Arruda e Ramos (2007), o engenheiro Francisco Bolonha construiu ao lado do Palacete Bolonha, sua residência, um harmonioso e imponente conjunto arquitetônico batizado de Vila Bolonha. Este complexo foi criado com o intuito de abrigar operários que serviriam a Francisco Bolonha.

Figura 8: A Vila Bolonha.



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

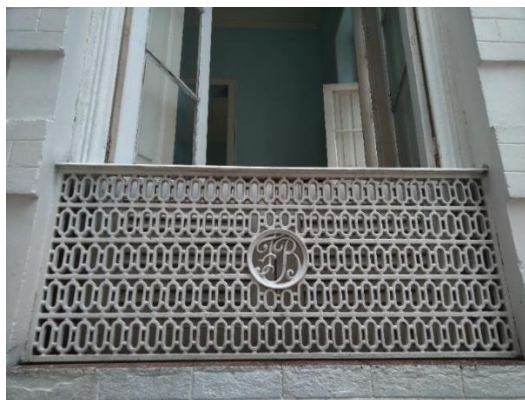
Figura 9: Passagem Bolonha.



Fonte: Google Earth. Alterado pela autora.

Localizada na Passagem Bolonha, a Vila é resultado de uma divisão longitudinal do lote comprado por Bolonha para edificação de sua residência. Todas as casas pertencentes ao conjunto têm fachadas voltadas para a via (Passagem Bolonha) tendo como principais elementos os parapeitos em ferro fundido, com a monograma “FB” de Francisco Bolonha no centro, revestimento em relevo com bossagem em massa ao redor das janelas e entre as casas e gradis em ferro fundido que coroam as platibandas. Ademais, se observa o uso de vários materiais semelhantes aos do palacete, como coberturas com grande inclinação e algumas com águas furtadas e gradis em metal. A via da passagem era pavimentada com paralelepípedos com desenho/assentamento em forma de “espinha de peixe” (LOBATO; ARRUDA; RAMOS, 2007).

Figura 10: Parapeito em ferro fundido com monograma “FB” da casa 78 da Vila Bolonha.



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 11: Janela de uma das casas da Vila Bolonha: revestimento em relevo com bossagem em massa.



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 12: Coberturas com grande inclinação.

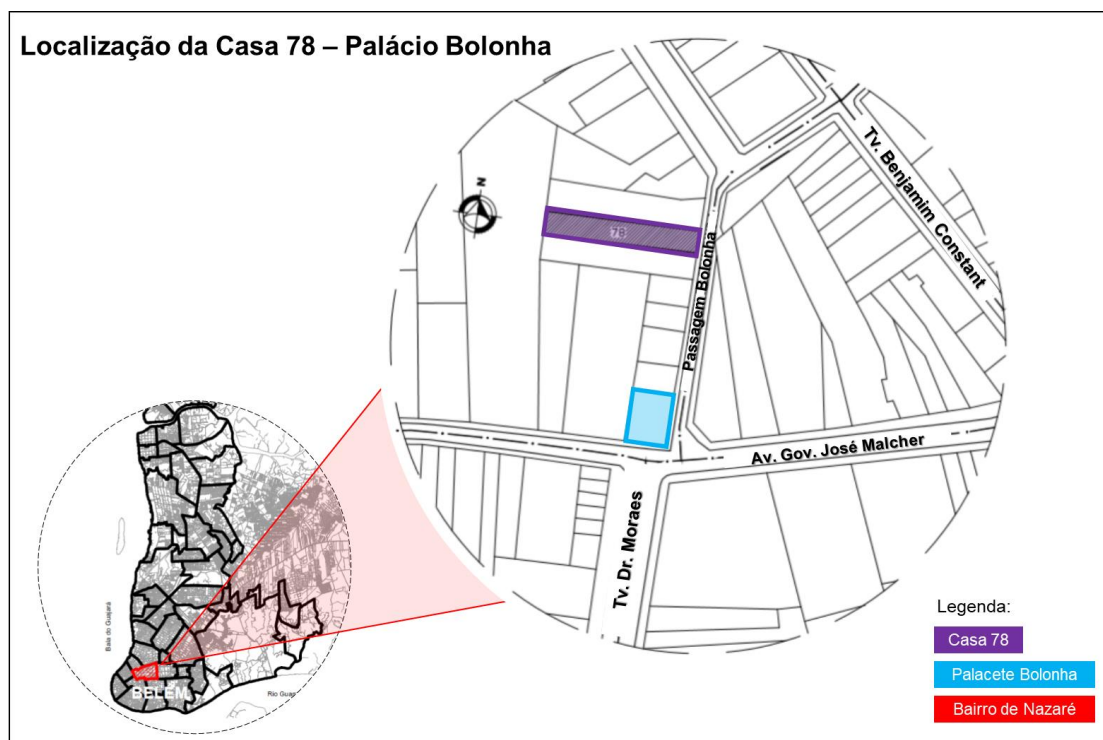


Fonte: Ailla Raiol, 2019.

CAPÍTULO II - ANÁLISE DA ARQUITETURA E DOS DETALHES DA CASA 78 DA VILA BOLONHA

2.1. Breve histórico e uso atual da edificação

Figura 13: Localização da Casa 78



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Localizada na cidade de Belém do Pará, no bairro de Nazaré e na Passagem Bolonha, casa 78 da Vila Bolonha, associada com as casas 68 e 92, hoje funciona como um centro de atenção à terceira idade denominado Palácio Bolonha. De acordo com rede social do local, e a averiguação de fatos através da visita de campo, centro da 3ª Idade Palácio Bolonha, fundado em outubro de 1999 pelo Vereador Henrique Soares é uma organização não governamental, dedicado a defesa e melhoria da qualidade de vida dos idosos de Belém. Em sua infraestrutura possui salas e espaços como piscina, sala de musculação, sala refrigerada para yoga e informática, vestiários, salão de dança, recepção, cozinha, depósito, secretaria, entre outras que propiciam múltiplas atividades como artesanato, pintura em tecido e tela.

Figura 14: Acesso Principal do Palácio Bolonha



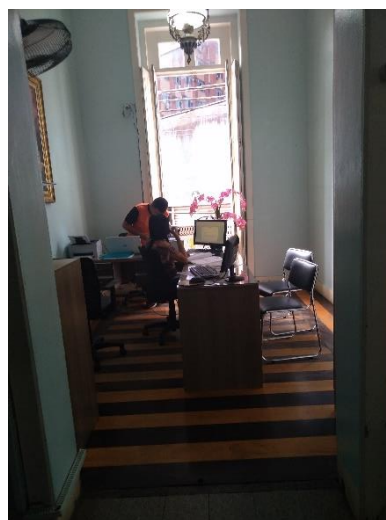
Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 15: Recepção do Palácio Bolonha



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 16: Administrativo do Palácio Bolonha



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 17: Área para Musculação do Palácio Bolonha



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 18: Uma das três piscinas para hidroginástica e natação do Palácio Bolonha



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 19: Agência interna de turismo



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Percebe-se, pela análise das fotos e pelo olhar em campo, que os cômodos e áreas das casas 68, 78 e 92 foram adaptados de diversas maneiras para atender às necessidades do empreendimento. Contudo a forma com que esses espaços foram e adaptados e/ou são utilizados não será o foco desta pesquisa. O estudo aqui discorrido se refere à identificação e à caracterização dos detalhes arquitetônicos – sejam estes decorativos e/ou construtivos - que exibem a identidade e a autenticidade do Engenheiro Francisco Bolonha.

A compreensão dos detalhes construtivos e decorativos de um edifício é substancial à sua análise, mas nunca deve ser dissociado das circunstâncias históricas e sociais a qual estava/está inserido. O histórico da Vila Bolonha, e ainda mais especificamente de cada casa, – como a Casa 78 - é pouco presente em registros escritos, visto que, o foco maior das pesquisas desenvolvidas neste cenário sempre foi o suntuoso Palacete Bolonha. Portanto, fez-se necessária entrevista com os proprietários e antigos moradores da Casa 78 ainda vivos. Entre estes, temos Karina Soares e Henrique Soares (pai), este último, herdou a casa após a morte de sua mãe Elza Campos Soares, sobrinha de Francisco Bolonha.

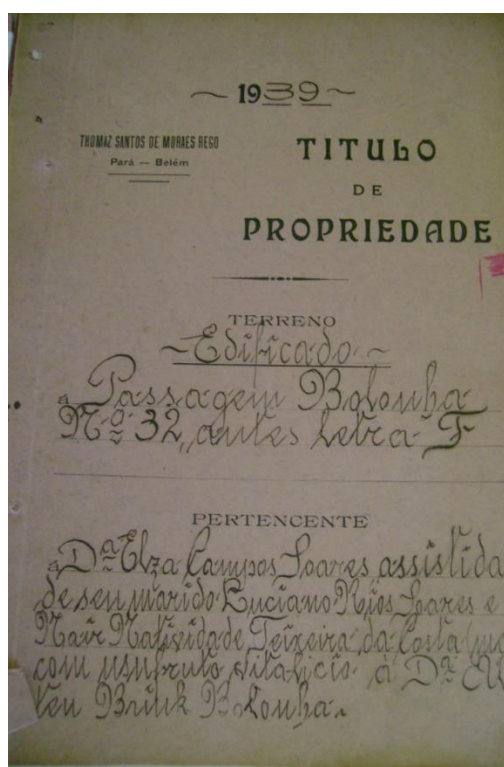
Figura 20: Francisco Bolonha com sua família. Sobrinha Elza Campos Soares (em destaque no círculo vermelho)



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Henrique Soares (pai). Modificado por SOUSA M., ALVES M., PREZA R. (2008)

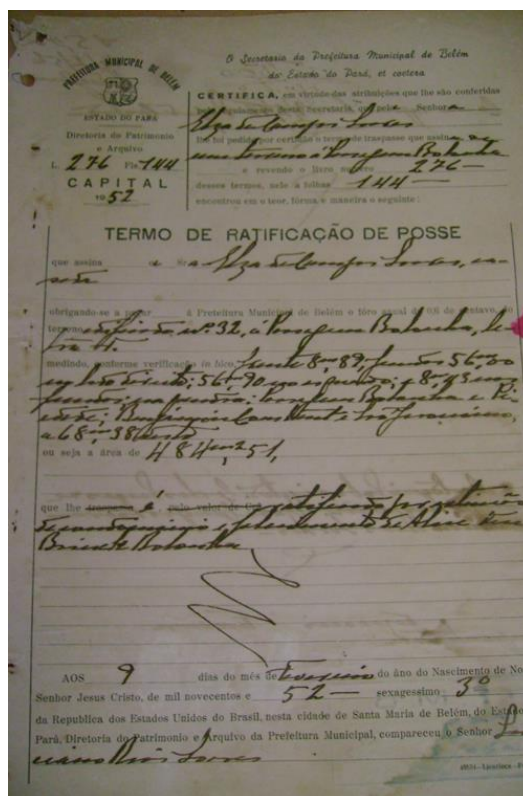
Segundo o Sr. Henrique Soares, sobrinho neto de Alice Bolonha esposa do engenheiro Francisco Bolonha, a Vila Bolonha surgiu para abrigar os operários que edificaram o Palacete Bolonha. Posteriormente as casas da vila foram cedidas para amigos e funcionários do engenheiro. As casas “D”, “E” e “F” - como eram identificadas antes de possuir a numeração usual atual - foram deixadas como herança para Elza Soares, sobrinha de Alice e Francisco Bolonha, como já sobre citado, que por sua vez deixou para os filhos. A casa a qual a pesquisa se dedica é a de letra F, hoje nº 78.

Figura 21: Título de Propriedade da Casa 78



Fonte: Acervo pessoal do Sr. Henrique Soares (pai). Modificado por SOUSA M., ALVES M., PREZA R. (2008)

Figura 22: Termo de Ratificação de Posse de Elza Campos Soares



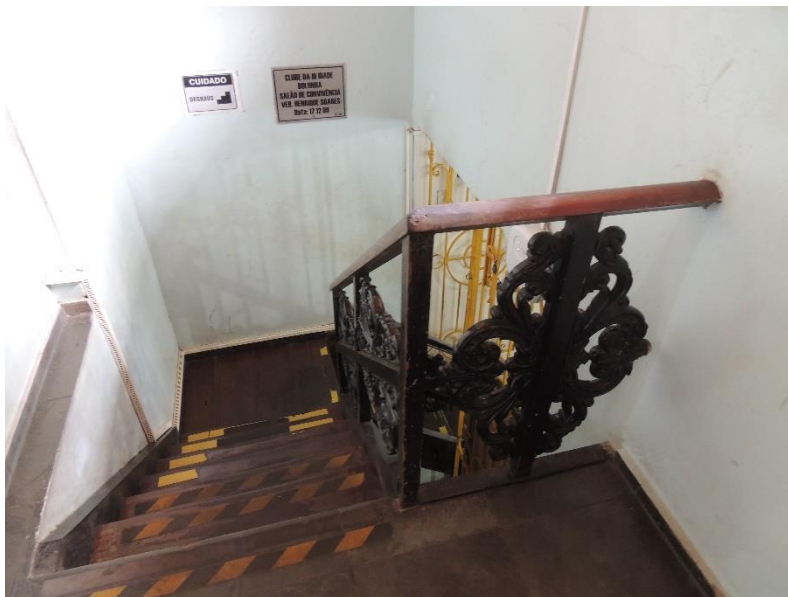
Fonte: Acervo pessoal do Sr. Henrique Soares (pai). Modificado por SOUSA M., ALVES M., PREZA R. (2008)

O Sr. Henrique Soares morou na casa “F” (78) por 23 anos. Herdou esta da mãe após seu casamento, saindo quando seus filhos casaram, pois, “a casa ficou grande demais” para ele e sua esposa.

O herdeiro sempre ressalta que a família procurou manter a casa o mais original possível - sempre fazendo manutenções pertinentes, e algumas alterações possíveis - primeiramente por admirarem o estilo desta e mais recente por reconhecerem o valor dela como arquitetura e cultura na cidade de Belém.

Das alterações que Sr. Henrique cita, a principal delas foi a colocação de uma escada para acesso ao quintal, que hoje é a academia do Centro da Terceira Idade, que transformou o que era uma varanda em hall de acesso vertical. Tal escada tem piso de Macacaúba e corrimão em ferro fundido e, segundo ele, iria ser descartada por um dos donos do Palacete Bolonha na década de 50. Diante de tal situação, ele “resgatou-a” e a instalou em sua casa. Esta permanece até os dias atuais em bom estado de conservação assim como o conjunto da residência.

Figura 23: Escada de Macacaúba que dá acesso à academia.



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

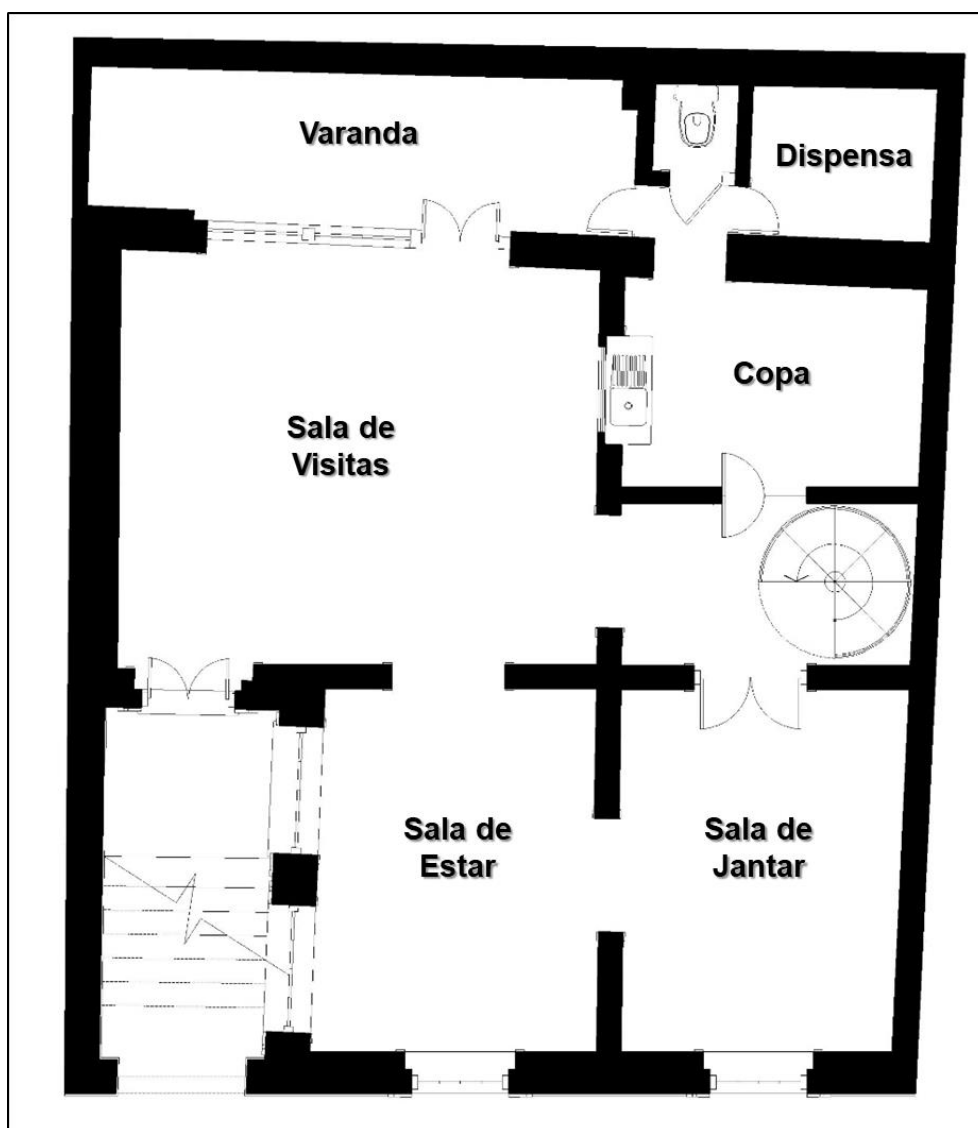
2.2. Diagnóstico espacial

O conhecimento objetivo do edifício é indispensável à sua análise completa, o pesquisador precisa estudar a arquitetura empregada por intermédio de determinados materiais básicos. Primeiro, portanto, analisaremos o desenho da planta do edifício, denominada planta baixa, que constitui um seccionamento da construção, executado por um plano que corta de forma paralela ao solo (à altura de 1,0m, aproximadamente, incluindo-se elementos de acesso, como escadas e rampas). O número de plantas corresponde ao número de pavimentos da casa analisada. Pela planta, é possível analisar a espessura das paredes, os eixos de distribuição dos espaços entre outros aspectos.

A casa 78 é geminada à casa 68 e espelho desta. Possui três diferentes pavimentos: porão, térreo mais um andar. Tais pavimentos têm variados cômodos como componentes. Estes cômodos não exercem sua função original pois o edifício tem função geral comercial. Entretanto, a partir de relatos da antiga moradora, Karina Soares, foi possível averiguar quais os eram os usos prévios dos cômodos na utilização como moradia. Portanto, os desenhos realizados representam um uso residencial exposto pela moradora.

O pavimento térreo é composto por oito diferentes áreas que serão citadas a partir do acesso principal: uma sala de visitas de 22,22m², uma sala de estar de 11,53m², uma sala de jantar de 11,50m², uma copa de 6,72m², uma área de circulação vertical de 5,40m², um banheiro de 0,83m², uma dispensa de 13,16m² e a área de 6,34m² era uma varanda para a família que foi modificada para uso da área livre que hoje existe na parte de trás do terreno. Por fim, este andar se caracterizava por ser área social.

Figura 24: Planta Baixa do Pavimento Térreo (Sem escala).

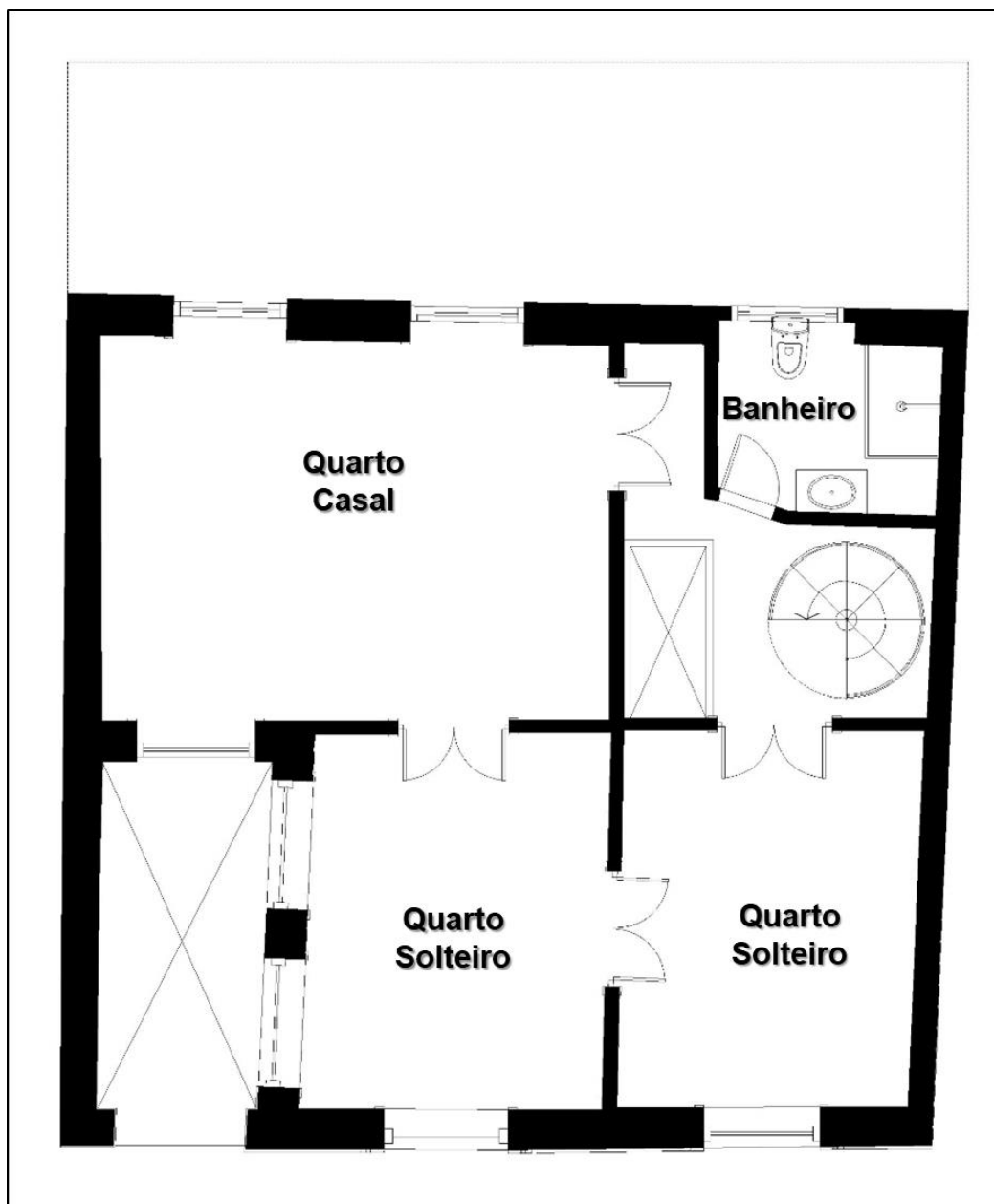


Fonte: Ailla Raiol, 2019.

O pavimento superior contém três quartos: um maior utilizado pelos pais de 20,88m², e dois menores similares: um de 12,06m² e um de 12,18m². Além

disso, o andar conta com uma pequena área de circulação vertical de 6,42m² e um banheiro de 4,33m². Este pavimento caracterizava-se pela função íntima.

Figura 25: Planta Baixa do Primeiro Pavimento (Sem escala).

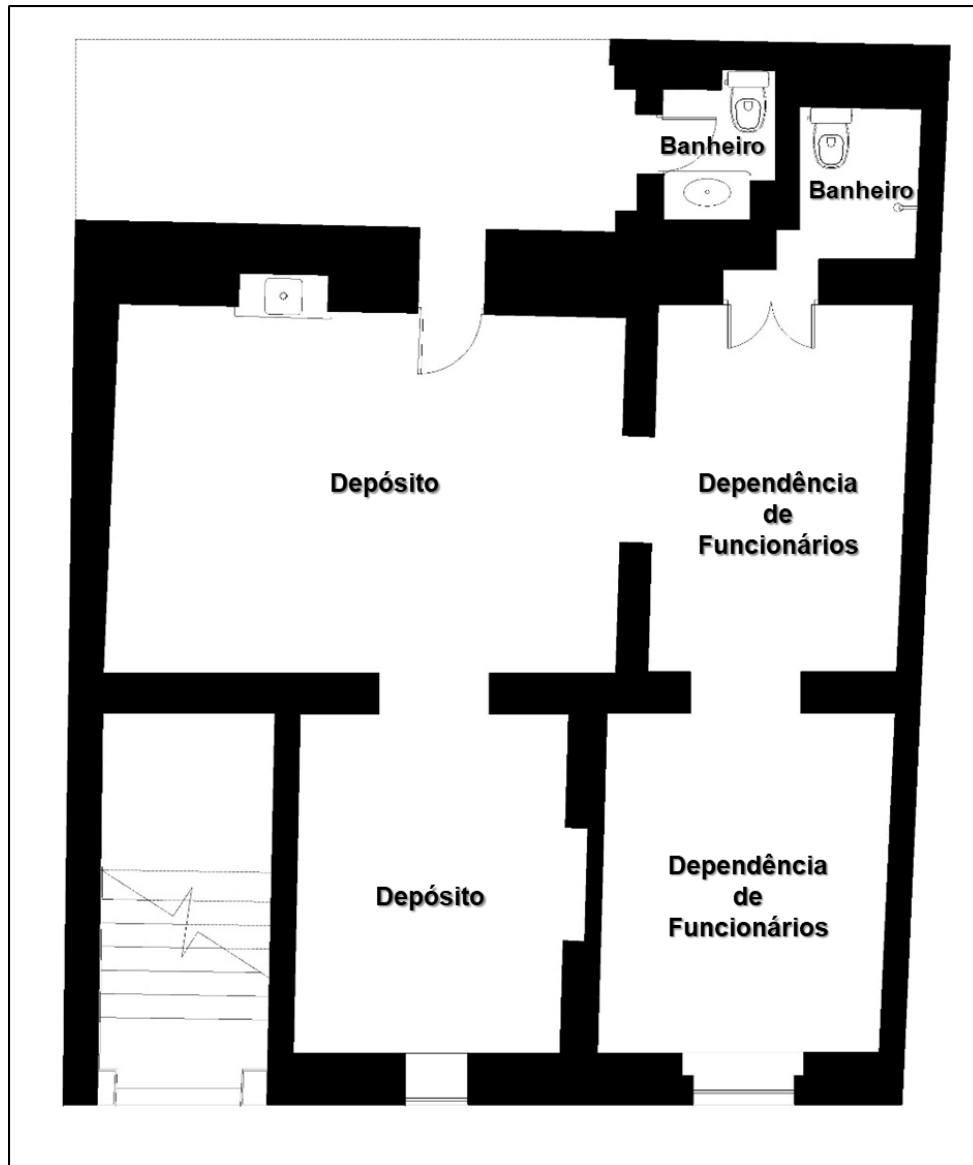


Fonte: Ailla Raiol, 2019.

O porão foi um lugar de difícil acesso durante as visitas em campo. Utilizado como um depósito hoje, a locomoção era complicada e a iluminação era baixíssima. Karina informou que o porão era utilizado como dependência de funcionárias do lar e depósito. Hoje, ao nível do porão, foram acrescentados um

lavabo e uma área de apoio para a piscina, que devido ao novo uso é utilizada como lanchonete. Portanto, o porão em geral, manteve suas funções de serviço.

Figura 26: Planta Baixa do Porão (Sem escala).



Fonte: Ailla Raiol, 2019

É visível que as paredes principais se repetem nos três diferentes pavimentos. Tal fato se deve às limitações construtivas da época, as quais Francisco Bolonha e os outros construtores da época estavam submetidos. Além disso, é perceptível a rija setorização dos espaços, divididas em área: social, íntima e de serviços. Para Karol Gillet (2006) a circulação interna da casa se

definia basicamente em duas áreas: um corredor na área social e outro mais familiar uma das características das formas de morar burguesas dentro do período do Ecletismo:

A programação de necessidades certamente não se reduz a uma simples lista de dependências solicitadas ou oferecidas ao usuário, cujas expectativas deseja-se satisfazer. Há de se entender como essas acomodações devem se justapor e quais as características de cada uma delas. Nisso, estão subentendidos critérios de circulação interna.[...] Os condicionantes culturais antigos,[...] talvez remotamente ligados aos costumes mouros, determinavam uma segregação dos aposentos familiares, não só das camarinhas de dormir, mas de toda a zona de estar íntima, livrando-as dos olhares e convívio de estranhos, a quem destinavam-se somente as salas da frente. (LEMOS, 1989 apud GILLET, 2006)

Outra característica de configuração espacial Eclética é inserção dos banheiros dentro da casa, ao contrário do que era feito em casas mais antigas, em *casinhas*, fora do espaço residencial, pois, desta forma, se evitaria a proliferação de doenças (GILLET, 2006).

A casa 78 é um típico exemplo de *casa de vila*, que é um caso de moradia da classe média e baixa do início do século XX, em geral construída por empreiteiros, casas aviadoras ou bancos, que alugavam para seus funcionários ou para determinadas famílias, sendo estas vilas o conjunto de várias casas - grupo de três ou mais casas - geralmente geminadas. Por fim, é válido ressaltar que a Vila Bolonha foi considerada pelo Intendente Antônio Lemos um exemplo do modelo e pela quebra de monotonia nas fachadas projetadas por Bolonha:

Vila Bolonha tornou-se um modelo exemplar na construção de vilas. Apesar de ter sido construída com grupos de casa com as mesmas linhas estéticas, o conjunto foi projetado sem a monotonia de fachadas enfileiradas, que o Intendente tanto se queixava. Esta vila foi construída por Francisco Bolonha, que adquiriu o terreno por hasta pública, projetando o conjunto de 11 casas no prolongamento da ladeira, onde estava localizado seu palacete. Nesta mesma ladeira, ainda existe um grupo de três casas, além de uma casa de esquina, também construída por Bolonha, mas, essas casas não seguem as mesmas linhas da vila. (GILLET, 2006)

2.3. Sistema construtivo: Detalhes singulares

2.3.1. Visão Geral

Para melhor entendimento da obra, descrever-se-á brevemente sobre o sistema construtivo em geral. Para isto, temos que, segundo Lobato (2007), Bolonha utilizou nas casas da Vila as mesmas técnicas construtivas que foram aplicadas ao Palacete Bolonha, as mais avançadas para a época e para a cidade. As paredes externas e internas foram construídas em alvenaria de pedra e rejuntadas com argamassa de cimento – Bolonha era o maior importador de cimento do Pará. Importava dos Estados Unidos e da Europa -, areia e água. As paredes externas apresentam largura de 0,50m a 0,60m e as internas variam de 0,30 a 0,50m. O conjunto de paredes forma a base de sustentação da casa.

A respeito dos acabamentos, as paredes internas, consoante ao discurso do Sr. Henrique, sempre foram todas da mesma cor, contudo, a cor aplicada a elas mudou ao longo dos anos. Sr. Henrique relatou que no início era cinza, a família dele pintou de salmão e hoje, como Centro da Terceira Idade, a casa está internamente pintada em tinta PVA em tonalidade azul pastel. Externamente, a residência se apresenta em um tom entre terracota e coral. Todos os adornos como molduras e bossagem são pintados em branco.

Obs.: Os ambientes estão identificados com seu uso atual.

Figura 27: Paredes em azul pastel - RECEPÇÃO



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 28: Paredes em azul pastel – SALA DE IOGA



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 29: Fachada – Vista 1



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

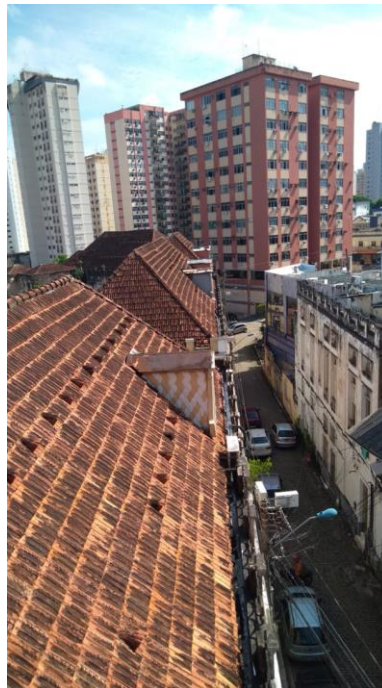
Figura 30: Fachada – Vista 2



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

A coberturas das casas da Vila Bolonha foram construídas de forma interligada na qual temos a impressão de que um grande telhado cobre várias casas, reforçando a ideia de conjunto arquitetônico.

Figura 31: Cobertura/Telhados da Vila Bolonha – Vista do Palacete Bolonha com visão da Passagem Bolonha



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 32: Cobertura/Telhados da Vila Bolonha – Vista do Palacete Bolonha



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

A cobertura principal da Casa 78 é um telhado de quatro águas com grande inclinação, entretanto, existe um pequeno telhado de duas águas que faz cobertura ao corredor da entrada. A telha utilizada é cerâmica do tipo Marselha.

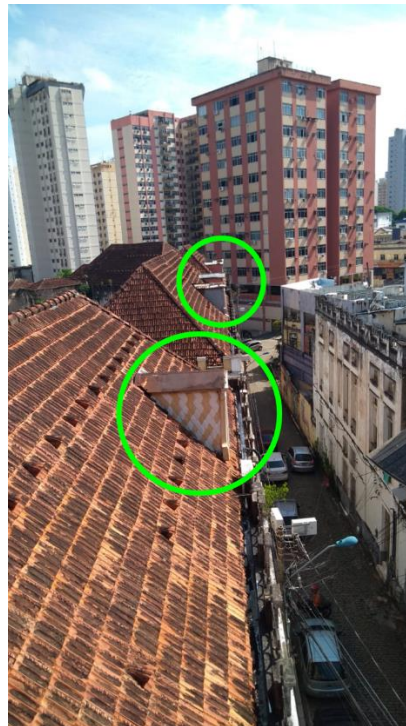
Ainda sobre a cobertura, observa-se vários elementos cerâmicos em formatos de concha. Tais elementos possuem um furo no meio para a entrada de ar, possibilitando o resfriamento da cobertura, evidenciando, pois, o conhecimento a respeito de conforto ambiental que Francisco Bolonha possuía ao projetar tais residências. Na cobertura também é encontrado uma água furtada ou mansarda, uma espécie de sótão com janelas que se abrem sobre as águas do telhado.

Figura 33: Conchas (em magenta)



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 34: Águas-furtadas (em verde)

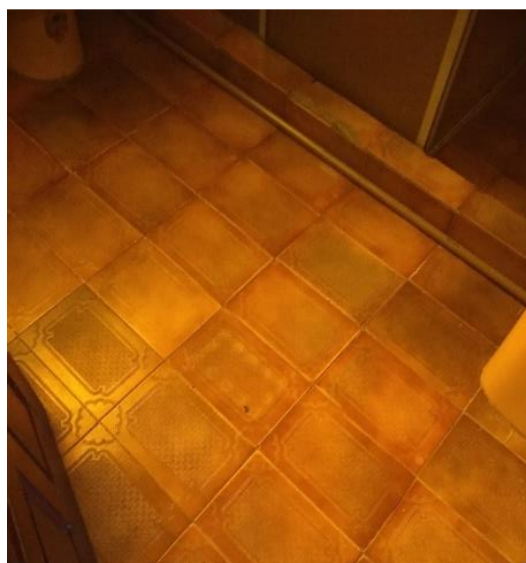


Fonte: Ailla Raiol, 2019.

2.3.2. Os Ladrilhos Hidráulicos

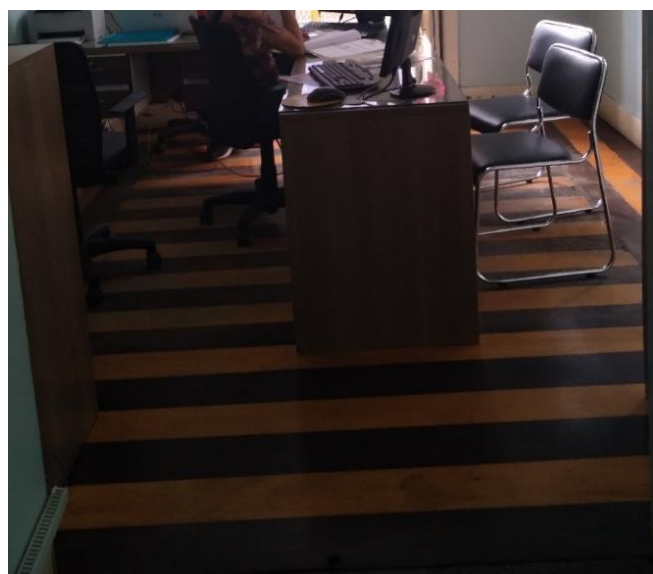
Na Casa 78 existem três diferentes tipos de piso nos ambientes, são estes o piso tabuado em Pau Amarelo e Acapú, a lajota cerâmica e o ladrilho hidráulico em variados padrões, o qual merece destaque. A lajota cerâmica comum aparece no banheiro superior e no hall da estrada para o quintal e pisos em madeira aparecem nos demais ambientes.

Figura 35: Lajota cerâmica - piso banheiro superior



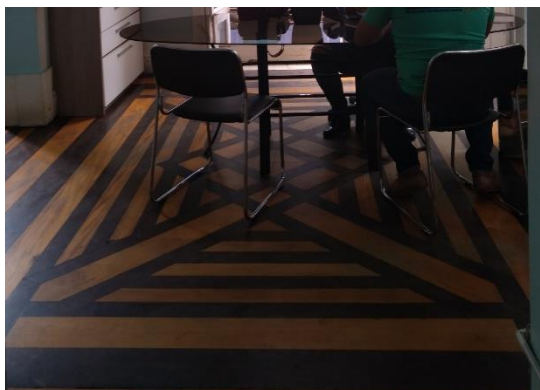
Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 36: Piso em madeira - Administração



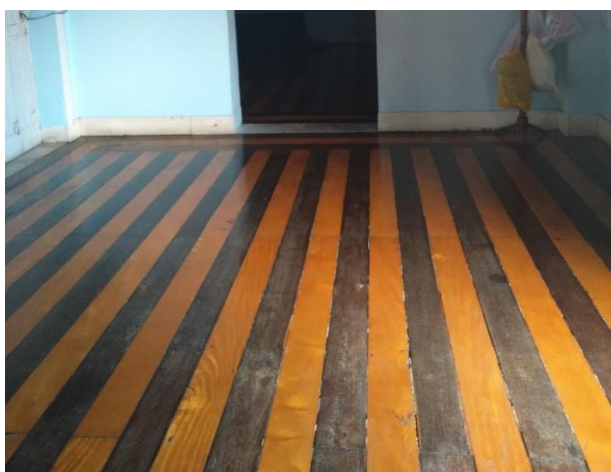
Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 37: Piso em madeira – Sala de reuniões



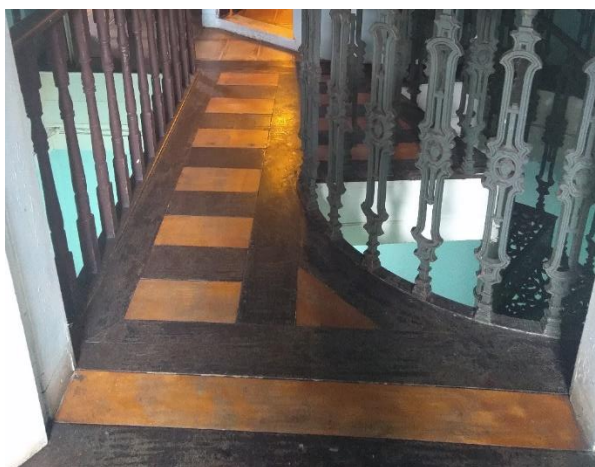
Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 38: Piso em madeira – Sala de loga



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 39: Piso em madeira – Hall da escada 1º pavimento



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Segundo o Manual do Ladrilho Hidráulico da Portland-Associação Brasileira de Cimento (2010), os ladrilhos hidráulicos têm origem nos antigos mosaicos bizantinos. As primeiras fábricas no Brasil surgiram no final do século XIX, primeiramente dedicadas ao revestimento de paredes e apenas numa segunda etapa, aos pisos. Foi introduzido no Brasil por construtores e artesãos de origem italiana e passou a ser amplamente utilizado nas residências brasileiras (MEDEIROS et al., 2016).

O nome ladrilho hidráulico é pelo fato de ser apenas molhado, sem processos de queima e foi apresentado na “Exposição Universal de Paris”, como uma cerâmica que, portanto, não necessitava de cozimento, substituindo o emprego da pedra para o revestimento de pisos, no caso, o mármore. Por sua grande possibilidade decorativa, conquistou renomados arquitetos e grandes artistas, como Gaudi, Cadafalch e Morris. (DO AMARAL, 2015). Os ladrilhos têm durabilidade estimada em mais de 100 anos.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), considera patrimônio histórico e cultural o “bem material, natural ou imóvel que possui significado e importância artística, cultural, religiosa, documental ou estética para a sociedade”. Os ladrilhos hidráulicos são mencionados como representantes de patrimônio cultural a ser preservado, tanto do ponto de vista material quanto imaterial, como tem produção artesanal, deve ser resguardado e passado de geração a geração, mesmo que a tecnologia empregada nos processos avance (LAMAS et al., 2018).

Na Casa 78, os ladrilhos hidráulicos têm destaque por não só por ser parte do sistema construtivo, mas também por compor decorativamente a residência como um elemento tipicamente eclético, um símbolo de tradição, contemporaneidade e resistência patrimonial (CABRAL, 2019). O ladrilho hidráulico é presente no hall de entrada antes da escada de Lioz, na recepção, antiga sala de visitas, no hall da escada caracol em ferro fundido, na cozinha/copa e lavabo. Têm variados desenhos e se apresentam em diversas composições.

Figura 40: Composição de Ladrilhos Hidráulicos no hall da escada caracol



Fonte: LAMEMO, 2019. Arte digital: CABRAL, C.; Fotografia: RAIOL, A.

Figura 41: Composição de Ladrilhos Hidráulicos na Recepção (sala de visitas)



Fonte: LAMEMO, 2019. Arte digital: CABRAL, C.; Fotografia: RAIOL, A.

Figura 42: Composição de Ladrilhos Hidráulicos no Hall de entrada



Fonte: LAMEMO, 2019. Arte digital: CABRAL, C.; Fotografia: RAIOL, A.

2.3.3. Elementos da Arquitetura Metalúrgica

Entre meados do século XIX e início do século XX, houve no Brasil uma grande importação de edifícios e complementos arquitetônicos de ferro, pré-fabricados nas usinas europeias. A 'arquitetura metalúrgica' no país foi símbolo de modernização e progresso e as peças eram sempre recebidas com entusiasmo e elogios mesmo quando já eram criticadas em seus países de origem. Essa acentuada importação deve-se, por um lado, pelo alto grau de desenvolvimento técnico dos fabricantes, que asseguravam aos compradores produtos funcionais, racionais e duráveis e por outro, pelo atraso da siderurgia brasileira (DA COSTA, 1994).

Segundo Lemos (1985), "a estrutura pré-moldada de ferro fundido constitui-se numa solução bastante facilitadora porque é de rápida e simples execução, permitindo aos governos, principalmente, providenciar edifícios de belo porte e grandes dimensões em locais de mão de obra precária." Portanto, incitados pela prosperidade trazida, entre outros produtos, pelo café e pela borracha, os brasileiros procuravam seguir esse modelo internacional, e o sistema financeiro europeu, sobretudo o inglês, promovia as transações comerciais que introduzissem à compra da produção de suas fábricas.

Com o advento da Revolução Industrial, as estruturas em ferro renovaram a arquitetura estendendo seus limites e o estilo Eclético incorporou essa tecnologia. A arquitetura eclética utiliza esse material na confecção de cúpulas, esquadrias e gradis, assim como o utiliza na execução de estruturas, como pilares e vigas (LORENZONI). É neste contexto que as peças de ferro foram

recebidas nas mais distantes cidades do Nordeste, de São Paulo ou da Amazônia, se destacaram por muitos anos e hoje são em sua maioria, obras tombadas pelo Patrimônio Histórico e artístico Nacional (DA COSTA, 1994).

Em Belém, temos inúmeros exemplares de edifícios que apresentam o ferro como destaque em sua arquitetura. O Mercado de Carne, que assim como a casa 78 foi projetado por Francisco Bolonha, ocupa uma quadra inteira, tem uma edificação de material misto, estrutura em alvenaria e arquitetura metálica, como expõe Simone Cravo (2019):

Os quatro Pavilhões pré-fabricados em ferro, vindos de Glasgow, foram recebidos em Belém , compondo o pátio interno do Mercado de Carne em Belém – conhecido como Mercado Municipal, também denominado de Mercado Bolonha – edificação que integra o Complexo do Ver-o-Peso (CRAVO, 2019).

Figura 43: Mercado de Carne ou Mercado Bolonha



Fonte: Google Imagens

Outrossim, Francisco Bolonha utilizou os conhecimentos técnicos com ferro e inovações da época e os empregou com habilidade na construção da sua residência e da Vila, o que confirma a forte influência da arquitetura ferro europeia na formação do engenheiro Francisco Bolonha (COIMBRA, 2007). Alguns dos principais elementos de fachada das casas da Vila Bolonha são os parapeitos em ferro fundido e os óculos do porão com padronagem densa e monograma “FB” do engenheiro em um círculo ao centro. Ademais, se observa a presença de gradis em ferro fundido que adornam as platibandas e ainda externamente, o portão do acesso principal também em ferro.

Figura 44: Parapeitos em ferro fundido da fachada da Casa 78



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 45: Óculos do Porão em ferro fundido – com danos



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 46: Detalhe “FB”



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 47: Gradis na Platibanda



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 48: Portão do acesso Principal



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 49: Detalhe “FB” do portão



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Internamente à Casa 78 também encontramos detalhes ímpares da arquitetura metalúrgica proposta por Bolonha, como por exemplo a escada caracol. As escadas sempre foram componentes muito marcantes nas construções de Francisco Bolonha. Primeiramente, porque estas construções sempre tiveram mais de um pavimento, exibindo as técnicas construtivas avançadas utilizadas por Bolonha. Ademais, as escadarias são singulares, carregadas de elementos rococó e *art-nouveau* (COIMBRA, 2014). Esta suntuosa escada caracol dá acesso do térreo para o primeiro pavimento. É análoga à uma

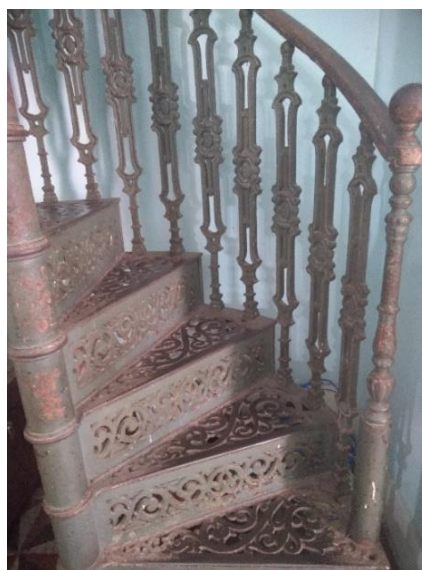
das escadas do Palacete Bolonha, mais uma das marcas que figuram estes edifícios como conjunto. É forjada em minúcias orgânicas se tornando além de uma unidade de circulação vertical, um elemento decorativo.

Figura 50: A escada caracol



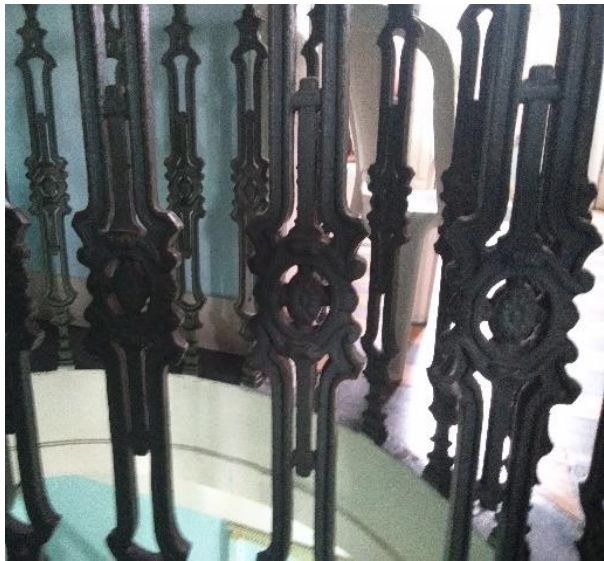
Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 51: A escada caracol – Detalhes



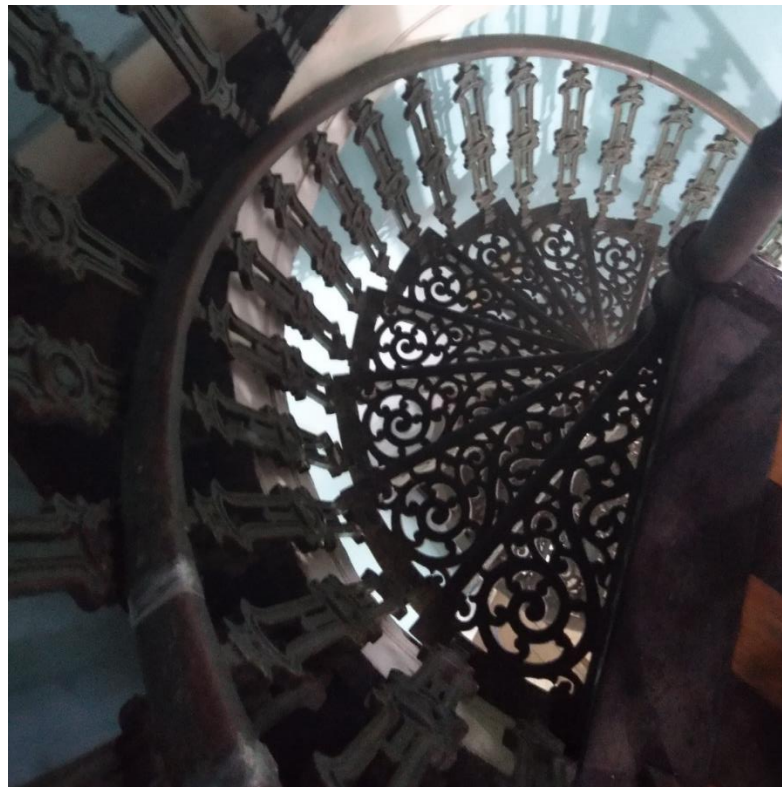
Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 52: A escada caracol – Guarda-corpo



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 53: A escada caracol vista de cima



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

A outra escada presente na residência não é original de lá, entretanto, também exibe em seu corrimão e guarda-corpo características da arquitetura de ferro. Como já sobre citado, e, pelas palavras do Sr. Henrique, esta última foi “resgatada” do Palacete Bolonha, e implantada no que antes era uma varanda na residência para que pudessem acessar o que antes era um quintal. A escada tem piso de Macacaúba e corrimão em ferro fundido também com forjas orgânicas.

Figura 54: Escada resgatada do Palacete Bolonha



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

2.3.4. Os Elementos em Madeira

A preferência pela madeira desde o início da história da construção e seu uso persistente, inclusive em situações adversas, parecem indicar que existe uma afinidade especial entre o homem e este material. A aplicação da madeira na construção variou com cada civilização. Cada clima, terreno e cultura determinaram uma técnica construtiva diferente no uso da madeira (MEIRELLES et al., 2007)

A madeira era um material amplamente utilizado na arquitetura principalmente nas estruturas. Segundo Felipe Melo da Costa (2016), apesar da substituição por lajes em tela *deployé*, Francisco Bolonha utilizou bastante do material nas estruturas dos seus edifícios. Todavia, a madeira é um material que se apresenta também em forma de acabamento do sistema construtivo nos projetos de Bolonha, e um dos motivos era a abundância na região norte. Estão presentes em pisos, forros e esquadrias.

Figura 55: Assoalho do Palacete Bolonha em acapu e pau amarelo.



Fonte: COIMBRA, 2013.

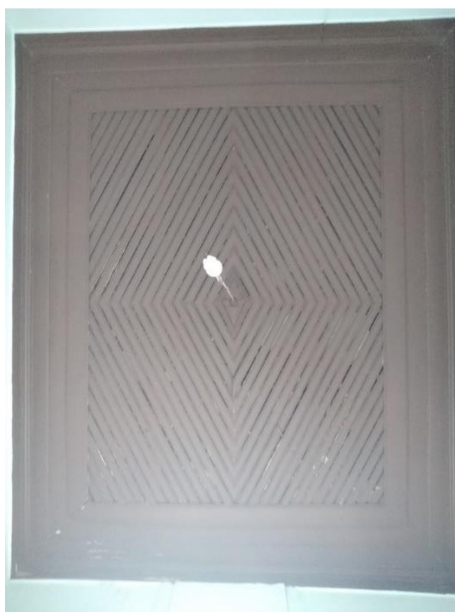
Os forros da Casa 78 em geral são tabuados em madeira. Se diferenciam pela alocação das tábuas. Nos ambientes do pavimento superior as tábuas compõem losangos de consecutivos tamanhos com um pequeno espaçamento entre eles, gerando um forro de ventilação.

Figura 56: Forros de Ventilação pavimento superior



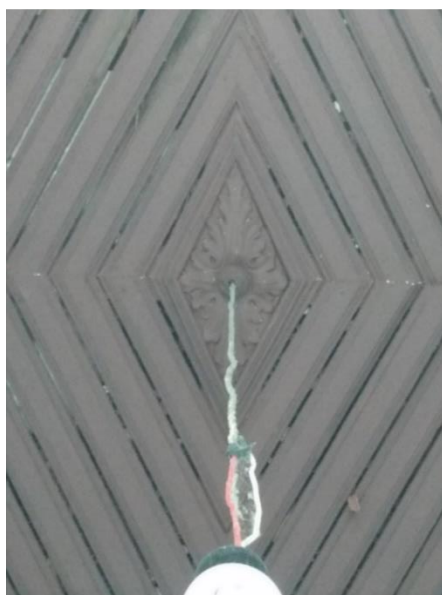
Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 57: Forros de Ventilação



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 58: Forros de Ventilação – detalhe



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

No pavimento térreo, as tábuas do forro são alinhadas lado a lado. Contudo, na sala administrativa, percebe-se a presença de uma composição similar à do piso da sala de reuniões, prática muito comum nas casas do mesmo período (GILLET, 2008).

Figura 59: Forro do Hall da Escada



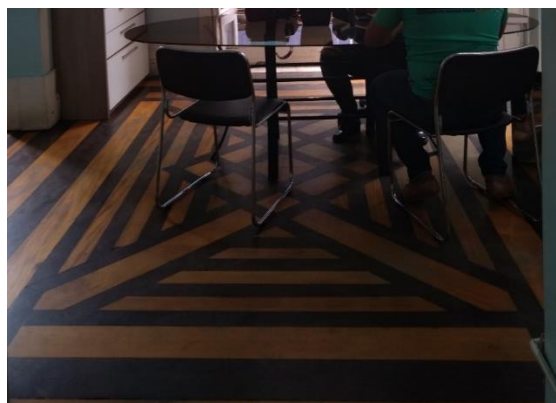
Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 60: Forro da Administração



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 61: Piso da Sala de Reunião



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

As janelas da fachada principal e da lateral de entrada no térreo têm dimensões de aproximadamente 1,20m x 3,60m x 0,40m. São em madeira – pintada de branco – e possuem detalhes em vidro. São do tipo rasgado, de folha dupla e possuem parapeito entalado em ferro fundido, nos quais a grelha é fechada e possui ao centro um pequeno círculo no qual está forjado as iniciais “FB”. Internamente, há uma porta de folha quádrupla que exerce função de cortina. Externamente estes janelões são emoldurados por revestimento em relevo com bossagem em massa pintados de branco.

Figura 62: Exemplar de Janela da Fachada Principal – Parte Externa



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 63: Exemplar de Janela da Fachada Principal – Parte Interna



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

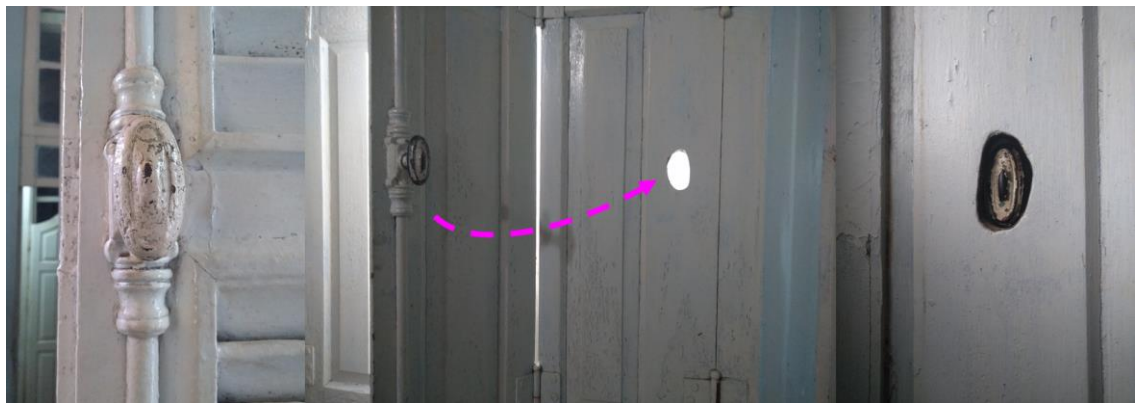
As janelas da fachada posterior são menores pois possuem parapeito mais elevado e não têm gradil. Seguem o mesmo padrão de folhas e fechamentos e mesmo material, madeira e vidro. Vale ressaltar que todos os puxadores e trincos são em ferro fundido, nos quais foram forjados discretos padrões orgânicos.

Figura 64: Exemplar de Janela da fachada posterior



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 65: Fechaduras e trincos. Detalhe do encaixe após dobradura de folhas (em magenta).



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

As portas se assemelham às janelas em seus detalhes. São em madeira, estão pintadas de branco, com venezianas ao centro e possuem bandeiras em vidro na parte superior para iluminação. Existem duas portas ímpares dentro da

edificação, uma que dá acesso à copa e outra que dá acesso ao almoxarifado, ambos no pavimento térreo. São portas menores em estilo *saloon*. A porta da copa é dupla, e a do almoxarifado é de folha única.

Figura 66: Porta da casa 78 – Almoxarifado



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 67: Porta da casa 78 - Entrada



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 68: Portas da casa 78 – Ambientes Internos



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 69: Porta da casa 78 - Copa



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

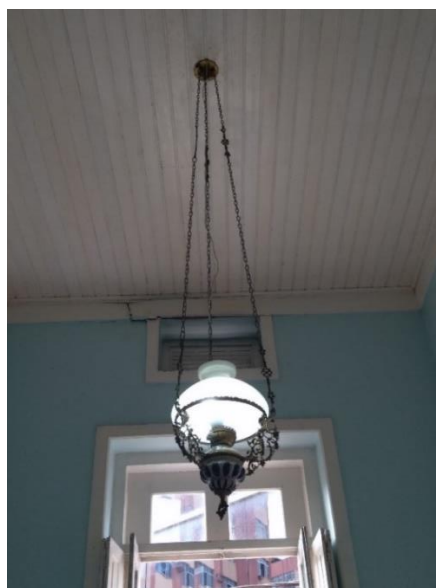
Por fim, é importante salientar que a análise e caracterização dos elementos construtivos foi alicerçada nos escritos de Sílvio Colin: *Técnicas Construtivas do Período Colonial*, publicado pelo IMPHIC (Instituto da Memória e do Patrimônio Histórico e Cultural) em 2015, e apesar do título do livro não corresponder ao período de construção da Casa 78, o texto de Colin se aplica às técnicas utilizadas neste objeto de estudo.

2.3.5. Elementos Decorativos

Por ser uma construção do século XX e não exercer mais sua função de residência, a grande maioria dos elementos decorativos não existem mais. Segundo Sr. Henrique, a maioria deles foi doado ou vendido, poucos ficaram com a família.

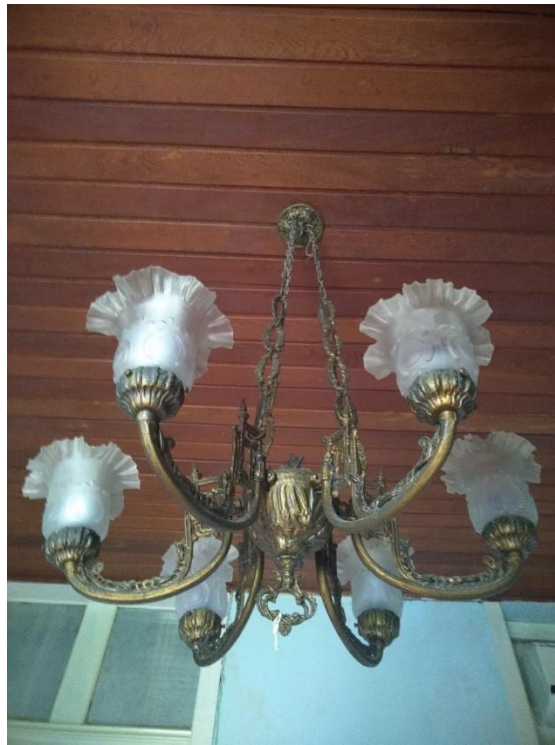
Todavia, os lustres e luminárias alocados originalmente na casa ainda estão lá compondo os ambientes e incorporando a eles uma atmosfera provençal e nostálgica. Têm suas estruturas em ferro fundido pintadas em tom dourado/ouro, com detalhes que remetem ao *art-nouveau* e ao rococó. Os bocais são em geral de vidro fosco, em formatos de flores, folhas e elementos da natureza.

Figura 70: Lustre - Administração



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 71: Lustre - Sala de loga



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 72: Luminária - Banheiro Pav. Superior



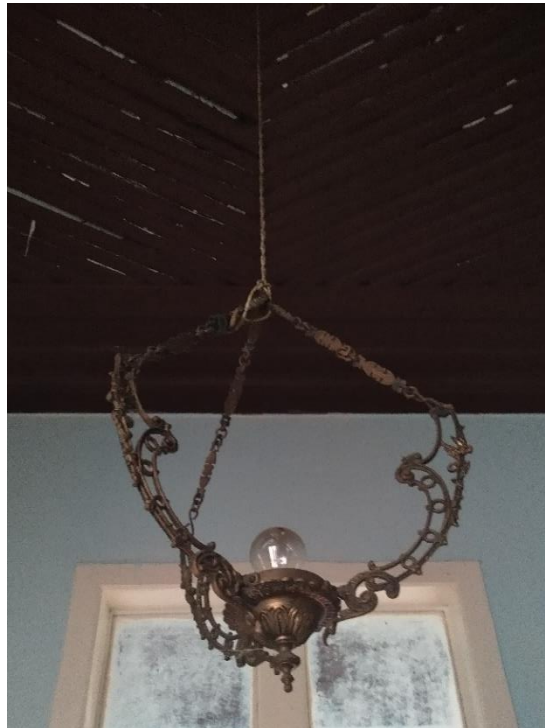
Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 73: Lustre - Banheiro Pav. Superior



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 74: Lustre - Sala de Pintura



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 75: Lustre - Hall da Escada



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 76: Lustres e Luminárias da Casa 78 – Sala de reunião



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Outros dois componentes que ornamentam a casa no sentido decorativo, são uma pia em porcelana emoldurada por azulejos com a monograma “FB” em ouro e possui em sua lateral um suporte para toalha em ferro fundido forjado como um conjunto de folhas entrelaçadas.

Figura 77: Pia de Porcelana Emoldurada Por Azulejos Com A Monograma “FB”



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

Figura 78: Suporte de toalhas.



Fonte: Ailla Raiol, 2019.

A decoração de uma residência deve ser entendida não apenas como ornamentação, pois a combinação coordenada de diferentes elementos irá promover diferentes sensações, além de reverberar as características seus projetistas e moradores.

CAPÍTULO III – ELEMENTOS AUTÊNTICOS: A SINGULARIDADE DE BOLONHA

3.1. Patrimônio, Identidade e Autenticidade: Conceitos Fundamentais

O engenheiro Francisco Bolonha, ao imprimir a arquitetura Eclética em Belém-PA, se fez memorável em todas as suas obras (LOBATO; ARRUDA; RAMOS, 2007), mostrando-se ímpar no contexto em qual trabalhou. Para estudar o tema proposto nesta pesquisa e comprovar a singularidade dos detalhes propostos por Francisco Bolonha Casa 78 da Vila Bolonha, a definição, até mesmo literal, de alguns conceitos é de extrema importância. O primeiro destes a ser aclarado será o conceito de Patrimônio.

Do latim *patrimonium*, herança paterna, a palavra é colocada pelo Dicionário On-line de Português (2019) um substantivo masculino que tem significado literal como bens materiais de família; herança; conjunto dos bens, direitos e obrigações de uma pessoa ou empresa e figurado, o que é considerado herança comum, transmitido de uma geração para outra, com valor e importância reconhecidos, que deve protegido e preservado, ou seja, esta é a definição utilizada no âmbito da arquitetura.

Para Choay (2006) essa bela e antiga palavra estava, na origem, ligada às estruturas familiares, econômicas e jurídicas de uma sociedade estável, enraizada no espaço e no tempo, sendo requalificada, na atualidade, por diversos adjetivos (genético, natural, histórico, cultural, etc.) que fizeram dela um conceito *nômade*, seguindo, hoje, uma trajetória distinta e retumbante. Contudo veio a se tornar relevante no âmbito das ciências humanas a construção desse termo enquanto categoria de pensamento: patrimônio cultural, arquitetônico, histórico, artístico, natural e imaterial; além da recente consagração do chamado Patrimônio Cultural da Humanidade ou Patrimônio Mundial (COSTA, 2012)

A noção de patrimônio confunde-se com a de propriedade, apesar de, hoje, estar ligada a bens de natureza ideológica, moral, religiosa, política, jurídica, estética, psicológica e, inclusive, natural; são distintos valores atribuídos ao ambiente, aos objetos e às práticas sociais que, no limite, simbolizam a

apropriação da natureza, a espacialização da sociedade ou a organização de espaços urbanos, ao longo da história (GONÇALVES, 2003).

Outro conceito relevante para esta pesquisa é o conceito de Identidade. Segundo o dicionário Michaelis On-line (2019), identidade é um substantivo feminino que tem como uma de suas definições “uma série de características próprias de uma pessoa ou coisa por meio das quais podemos distingui-las”. Para Lemos (2007) “há muito o que dizer e aqui nos louvamos no sentido aristotélico: ela caracteriza um conjunto de coisas de mesma essência, de mesma natureza”.

Dentro da arquitetura, o termo aparece bastante como um confirmador para a preservação do patrimônio. Expressões como identidade nacional, identidade local e identidade arquitetônica são frequentes. Sobre este elemento, o arquiteto português Gonçalo Byrne - que foi o palestrante final do XX Congresso Brasileiro de Arquitetos, ocorrido em Fortaleza (CE) de 22 a 25 de abril de 2014 – diz que “A questão da Identidade é central na nossa profissão e fui surpreendido positivamente pelo tema do Congresso”. Para ele, a identidade não é um conceito estático e resulta da cultura urbana e “as cidades são a manifestação mais rica da cultura da humanidade e por isso são dinâmicas e tem vida própria”, define o arquiteto e explica que a ideia da cidade que congela no tempo é antagônica à cidade real, que é uma cultura viva.

Na esfera jurídica, em âmbito estadual, por exemplo, dispõe a Lei nº 5.629/94 regulamentada em 20 de dezembro de 1990, sobre a Preservação e Proteção do Patrimônio Histórico, Natural e Cultural do Estado do Pará. Portanto considerando patrimônio cultural do Estado do Pará os bens de natureza material ou imaterial, que tomados individualmente ou em conjunto, que sejam relacionados à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos que formam a sociedade paraense.

Por último, e de grande relevância no contexto da Preservação do Patrimônio Cultural elucida-se a palavra Autenticidade. No dicionário de significados on-line encontramos o termo com suas definições:

Substantivo feminino:

1. qualidade, condição ou caráter de autêntico.
2. JURÍDICO (TERMO) propriedade daquilo a que se pode atribuir fé; legitimidade.

Encontramos dentro de Bell (1997), outra definição de Autenticidade sugerida pelo Shorter oxford English Dictionary:

Autenticidade – definida como sendo verdadeiro em substância, como de fato proveniente da fonte ou autoria reputada – é reconhecida como sendo a qualidade acima de todas, provavelmente a mais essencial, na identificação de sítios de grande significado cultural. Sem ela, seus valores como documentos históricos, como obras de arte excepcionais e como símbolos nacionais estão seriamente comprometidos.

O mesmo autor (BELL, 1997) expõe:

Autenticidade não é um conceito fácil. Cada parte do desenvolvimento de um sítio é autêntica por si mesma, como reflexo de seu tempo (embora não necessariamente relativa ao momento de origem da edificação), bem como é uma autêntica parte do todo – o sítio tal como se configura hoje, um artefato humano antigo com, talvez, séculos de humanidade impressos em seus aspectos materiais.

Para Oliveira (2016), atenção dada ao elemento autenticidade tem sua relevância justificada na definição dos modos de preservação do patrimônio edificado:

Ao se observar a segurança propiciada pelo vínculo identitário do homem com o seu meio, do qual participa esse patrimônio edificado, não há como deixar de se considerar a significância da preservação da congruência de seus assentamentos, em certa medida balizada pela manutenção do verdadeiro espírito dos lugares. Uma questão que se coloca pelos mecanismos de reconhecimento dos traços de autenticidade desses lugares, determinantes para a sua proteção e, por conseguinte, permanência.

Lemos (2007) propõe que a autenticidade está muito ligada à ideia da origem dos artefatos, obras, construções ou programas, porém lhes dá uma qualificação. É como se fosse uma adjetivação. No caso das residências, seus programas, os mais variados, são qualificados pelas relações

necessárias mantidas entre si pelos espaços compartimentados da edificação. A autenticidade estaria na forma da materialização e na satisfação das expectativas programáticas.

Sob a ótica da conservação urbana, a autenticidade é a medida do grau com que os atributos do patrimônio cultural, forma e design, materiais e substância, uso e função, tradições e técnicas, locação e assentamento, espírito e sentimento, e outros fatores (UNESCO, 2005), testemunham com credibilidade a sua significância (ZANCHETI et al., 2008).

No Dicionário do Patrimônio Cultural do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o vocábulo é tido como crucial na preservação do patrimônio.

A noção de autenticidade é indissociável das discussões teóricas e das ações realizadas na área de Conservação e Restauro, e guarda relação direta com a percepção dos valores associados a determinado bem cultural – sejam eles de natureza tangível ou intangível. A autenticidade se constitui como um princípio basilar e estruturante da ética que sustenta e alinha critérios, conceitos e justificativas pertinentes ao universo da preservação.

Para finalizar, a sociedade busca a autenticidade baseando-se em um conjunto de regras e valores mutáveis ao longo do tempo. Logo, o espaço e o tempo constituem-se em dois aspectos essenciais para contextualizar e definir autenticidade. Esta relativização espaço-temporal do conceito, presente na abordagem de vários autores, é igualmente validada nas cartas patrimoniais (ZANCHETI et al., 2008).

3.2. As Cartas Patrimoniais: Guias sobre Como Preservar

As Cartas Patrimoniais são documentos que dizem respeito, entre outros temas, àqueles ligados à preservação e conservação dos chamados Bens Culturais. Contém desde conceitos a medidas para ações administrativas com diretrizes de documentação, promoção da preservação de bens, planos de conservação, manutenção e restauro de um patrimônio, seja histórico, artístico e/ou cultural. Acima de tudo, são formadoras de princípio.

Muitos destes foram assentes internacionalmente e representam tentativas que vão além do estabelecimento de normas e procedimentos. As Cartas Patrimoniais criam e circunscrevem conceitos globais e também locais. Os especialistas são o público interessado, apesar de não ser o único público alvo, pois a discussão sobre o a preservação do patrimônio e bens culturais infelizmente ainda não se popularizou e/ou democratizou.

As cartas ao longo do tempo, permanecem atuais e são complementadas por novas normas e recomendações que nos descortinam novos ou mais amplos procedimentos na preservação do patrimônio cultural. Muitas cartas e recomendações propõem tipos de atitudes em relação aos bens patrimoniais, que é necessário analisar os conceitos nelas contidos para uma atitude consciente na adoção de políticas preservacionistas do patrimônio. Analisaremos partes de cartas pertinentes a conservação da Casa 78 e da Vila Bolonha como Patrimônio Cultural da cidade de Belém-PA.

Em 1931, se define a primeira Carta Patrimonial: a Carta de Atenas. Discutiu questões das principais preocupações da época, que envolviam a legislação, as técnicas e os princípios de conservação dos bens históricos e artísticos. Nesse sentido, o documento mostra a necessidade tanto organizações que trabalhem na atuação e consultas relacionadas à preservação e restauro dos patrimônios, como de legislação que ampare tais ações, garantindo o direito coletivo (IPHAN – Carta de Atenas, 1931).

De acordo com a Carta de Atenas, é importante haver uma manutenção regular e permanente no edifício; quando for necessário ter intervenção, através de restauração, devem ser respeitadas ao máximo as características originais do prédio. Além disso, recomenda-se que os monumentos se mantenham em funcionamento, contribuindo para a continuidade de sua vida. Retirar a obra de seu lugar original é considerado lamentável.

A conferência ressalta a importância, não só do prédio histórico, mas também do seu entorno, cuja proximidade deve ter cuidados especiais. Deve-se buscar manter o caráter original (antigo) da vegetação, suprimir publicidade, postes ou fios telegráficos e ruídos no monumento ou em sua proximidade, assim como ter cuidado especial com os fenômenos atmosféricos.

Destaca-se a necessidade de colaboração entre os profissionais envolvidos na preservação do patrimônio (arquitetos, arqueólogos, representantes das ciências físicas, químicas e naturais), sempre mantendo o Escritório Internacional de Museus a par dos trabalhos empreendidos. Além disso, é importante haver a colaboração entre Estados, em nome da preservação da história.

Há, também, uma ênfase na importância da educação, desde o ensino básico, para que os jovens não danifiquem os monumentos e, ao mesmo tempo, se mostrem mais interessados pela história. Os documentos devem ser corretamente armazenados e publicados, para haver um melhor uso das informações.

A segunda carta analisada é a Carta de Veneza (1964), pois esta subsidia os novos usos dentro de edifícios históricos, semelhante ao que acontece na Casa 78, que hoje abriga um centro de atividades para a terceira idade como já exposto neste trabalho.

No II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos dos Monumentos Históricos, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS), em 1964, elaborou a Carta de Veneza, com o foco na carência de um plano internacional para conservar e restaurar os bens culturais numa ação interdisciplinar.

Na carta é ressaltada a importância da destinação de um uso contemporâneo ao patrimônio, mas as adaptações não devem fazer alterações na disposição ou decoração dos edifícios. As contribuições de cada período devem ser respeitadas e mantidas, a menos que não possuam interesse ou estejam ocultando algo de valor.

A forma mais adequada de se conservar um edifício é por meio da manutenção regular e permanente. Há casos em que o restauro ou a reconstrução é inevitável, nestes, a Carta de Veneza diz que o desafio consiste em fazer uma diferenciação clara e, ao mesmo tempo, harmônica entre as partes mais antigas e as novas. A técnica empregada deve ter sua eficácia demonstrada por dados científicos e comprovada pela experiência e a documentação dos trabalhos de conservação, restauração e escavação deve ser

depositada nos arquivos de órgão público e estar à disposição dos pesquisadores.

Baseada na Carta de Veneza (1964), temos a Carta de Nara (1994). Tal documento foi selecionado nesta pesquisa por apresentar com mais foco a questão do que é autenticidade e como reconhece-la no monumento histórico. A conferência que originou o este texto teve origem em situações controversas de preservação no Japão, como elucida Zancheti (2008):

A razão motivadora da realização dessa conferência deveu-se a forma específica por meio da qual os monumentos japoneses são conservados: pela substituição das peças deterioradas, a cada vinte anos, reproduzindo rigorosamente os mesmos estilo e forma, dando com isso continuidade a um costume religioso primitivo asiático (ITO, 1995). Tal forma de conservação contrastava com a visão ocidentalizada da UNESCO, baseada na autenticidade material dos bens culturais, em detrimento à autenticidade das técnicas e dos processos de criação e recriação desses bens. Em razão disto, a candidatura dos monumentos japoneses ao título de patrimônio mundial era de difícil aprovação (ZANCHETI et al, 2008)

As discussões do fórum realizado em Nara (Japão) giravam em torno da questão de promover um maior respeito as diversidades do patrimônio cultural na prática de conservação. A autenticidade, é o principal fator de atribuição de valores e o entendimento desta tem papel fundamental nos estudos científicos do patrimônio cultural, nos planos de conservação e restauração, tanto quanto nos procedimentos de inscrição utilizados pela convenção do Patrimônio Mundial e outros inventários de patrimônio cultural.

De acordo com a carta, a busca pela conservação da identidade cultural é essencial, visto que há uma homogeneização cultural estabelecida pela força da globalização. A busca pela identidade cultural é muitas vezes perseguida através de uma afirmação de um nacionalismo agressivo. O principal objetivo da conservação do patrimônio é iluminar a memória coletiva da humanidade. A valorização da cultura que gerou o patrimônio deve ser reconhecida e respeitada, não havendo conflitos, pois se foi gerado a partir de tradições que percorreram o tempo e que são carregados de valores.

Consoante ao patrimônio cultural, seu contexto e sua evolução através do tempo, o julgamento quanto sua autenticidade deve estar ligado a estudos, pesquisas e fontes de informação. Essas pesquisas delimitam as dimensões específicas do bem cultural que está sendo examinado.

Por conseguinte, se apresentamos a análise da Carta de Burra de 1980 pois esta tem como principal objetivo fixar os cuidados para com o bem cultural. Indica linhas de orientação para a conservação e para a gestão dos sítios com significado cultural.

Na Carta de Burra, o ponto fundamental levantado é a definição do patrimônio pelas relações do espaço, da paisagem e da trama urbana adjacentes, definindo a importância do edifício e do conjunto arquitetônico. Elege-se o estado como responsável pela salvaguarda do monumento, aconselhando-o a elaborar a legislação que garanta seu direito legal.

É válido ressaltar que neste documento há uma série de recomendações para conservação e restauro, elucidando conceitos e definições - como bem, significação cultural, manutenção, substância, reconstrução, reparação, adaptação, uso compatível etc. - e ainda, vincula a conservação do patrimônio à sua significância cultural, mesmo que esta significância nem sempre esteja clara.

Pelo texto, a conservação deve ser previamente definida, com base na sua significação cultural e sua condição natural. O entorno visual deve ser apropriado e a introdução de elementos alheios, proibida. Não se admite a retirada de conteúdo que imprima valor cultural ao bem, a não ser que seja a única solução para a segurança deste conteúdo.

Na Conferência de Burra estabeleceu-se que preservação se limita à proteção, à manutenção e a eventual estabilização da substância existente. A restauração deve servir para mostrar novos aspectos, se baseia no princípio do respeito e deve parar onde começa a hipótese. A reconstrução deve se limitar à colocação de elementos destinados a completar uma entidade desfalcada, com base nas características conhecidas pelos testemunhos materiais e documentais.

Por fim, sempre antes de qualquer intervenção é preciso estudo detalhado do procedimento a ser seguido, com o correto acompanhamento profissional e junto com proposta escrita. Estes documentos serão armazenados nos arquivos de órgão público e mantidos à disposição do público.

Para finalizar a discussão sobre as cartas, é pertinente expor a Carta do México de 1985, pois esta tem parte focada em educação patrimonial. Segundo o site do projeto Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos da Universidade de São Paulo (USP), a Carta do México (1985) auferiu definitivamente o caráter educacional da preservação, levantando o conceito de identidade como fator fundamental para a manutenção do ato preservacionista.

Na carta é relevante o fato de que é a primeira vez que se propõe desenvolver projetos de preservação não apenas no bem cultural tombado em si, mas também nos seus entornos, favorecendo assim as relações entre o bem e as populações que residem nas suas adjacências. Esta carta também trata da responsabilidade social da preservação e da democratização da informação como meio mais rápido e eficiente no combate ao esquecimento.

A partir de então, se consolida a noção de que para preservar é necessário antes, conscientizar a população acerca do que é o bem cultural e o ambiente de seu entorno (físico/humano) protegendo-o contra intempéries e ações de degradação (MNRESJE-USP).

Em suma, é perceptível que as cartas acordam quanto a questão da Autenticidade no campo da conservação e restauração. Para Sílvia Mendes Zancheti, Catarina Dourado, Fábio Cavalcanti, Flaviana Lira e Rosane Piccolo (2008) o entendimento de autenticidade tem sido difundido sobretudo por elas, pelas cartas patrimoniais. Entretanto, para os mesmos autores, as pautas colocadas nas cartas não têm sido suficientes para lidar com a complexidade do conceito e sua operacionalização na proteção dos bens culturais:

Por meio da análise das cartas patrimoniais, pode-se constatar que mesmo com os avanços das duas últimas décadas na construção de entendimentos teóricos e metodológicos para a autenticidade, ainda há necessidade de maiores aprofundamentos. As lacunas se apresentam na complexidade de sua conceituação e nas dificuldades de operacionalização.

Além disso, os documentos entram em conformidade quando mostram a notória necessidade não só estudo, pesquisa e documentação de informações acerca do Patrimônio Cultural, mas a publicação e disseminação destes pois servem como uma norma de prática para quem usufrui e vive os espaços com significado cultural o que inclui proprietários, gestores e os cidadãos em geral.

Em síntese, pelas palavras de Kühl (2010), a noção do que é autêntico – e, portanto, deve ser preservado, segundo a Carta de Veneza (1964) – é entendida como “respeito pela configuração da obra e pela sua materialidade, como transformadas ao longo do tempo”. Ou seja, aplicando ao objeto de pesquisa, a Casa 78, os elementos como os gradis de ferro, a escada caracol, as esquadrias em folhas duplas e o uso dos ladrilhos hidráulicos¹ que permanecem com sua essência inalterada – materiais e alocações originais mantidos - têm neles imprimidos a autoria reputada de Francisco Bolonha e anos da história da cidade de Belém-PA.

¹ Ver Capítulo II. Item 2.3.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando pensamos em Francisco Bolonha dentro do contexto da *Belle Époque* em Belém do-PA, o associamos sempre com grandes construções que se destacaram pela verticalidade na paisagem urbana da cidade no final do século XIX e início do XX, como o prédio do antigo jornal Folha do Norte, os suntuosos Palacete Bibi Costa e o Palacete Bolonha. Dificilmente pensamos em construções mais populares sem tanta monumentalidade como as casas da Vila Bolonha. Estas sempre vem descritas rapidamente apenas como um acessório do palacete que serviu de residência para o engenheiro.

Como resposta à intenção primeira desta pesquisa, o Projeto Casa Senhorial, foram produzidos materiais teóricos e gráficos para a composição do site a qual este projeto se aplica. Ademais, o presente estudo fez uma análise de detalhes arquitetônicos construtivos e decorativos da Casa 78 da Vila Bolonha, associado a um compilado de informações teóricas sobre Preservação do Patrimônio Cultural que desempenhará a função de subsídio para possíveis futuros projetos de conservação e/ou restauração. Além disso, desenvolvimento desta pesquisa possibilitou um conhecimento mais aprofundado a respeito do que é a arquitetura em uma das casas da vila, tornando mais denso o tema e imprimindo maior visibilidade ao assunto.

A Casa 78, como componente Vila Bolonha e representante de um uso real de um edifício com significado cultural, tem papel importante na vida pessoas que a utilizam e que a cercam proporcionando muitas vezes um profundo e inspirador sentido de ligação à comunidade, à paisagem construída e ao passado. É também registro histórico que se torna importante como expressão tangível da identidade e da experiência da cidade de Belém. Reflete quem somos e qual foi o passado que nos formou, assim como compôs a paisagem do local. São insubstituíveis e preciosos. Testemunha a singularidade da *Belle Époque*, da arquitetura eclética na cidade e acima de tudo a identidade de Francisco Bolonha, sendo, pois, elemento legítimo e autêntico da cidade de Belém. Deve ser conservado para a geração atual e futura e, portanto, o estímulo a educação patrimonial deve ser contínuo e incessável.

REFERÊNCIAS

BARROS, Magaly Caldas; SERRA, Hugo Hage. A Belém da Belle Époque e Os Roteiros Geo-Turísticos como Instrumentos de Educação Patrimonial. *Formação* (Online), v. 25, n. 44, 2018.

BASSALO, Célia Coelho. Art nouveau em Belém. *Monumenta*, IPHAN, Ministério da Cultura, 2008.

BEZERRA, Rafael Zamorano. Objetividade histórica, autenticidade e restauração dos monumentos históricos: algumas considerações. *Anais do I Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (Enanparq)*, 2010.

BRAZIL. Decreto-lei n. 25 de 30 de novembro de 1937: organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. *Servicio Grafico*, 1938.

CARTA, DE ATENAS. Disponível em:< <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Carta%20de%20Atenas%201931.pdf>>. Acesso em, v. 20, n. 11, p. 2017, 1931.

CARTA, DE VENEZA. Disponível em:< <http://portal.iphan.gov.br/portal/baixaFcdAnexo.do?id=236>>. Acesso em, v. 4, 2010.

COELHO, Geraldo Mártires. Na Belém dabelle époque da borracha (1890-1910): dirigindo os olhares. 2011.

COSTA, Everaldo Batista da. Patrimônio e território urbano em cartas patrimoniais do século XX. *Finisterra-Revista Portuguesa de Geografia*, n. 93, p. 5-28, 2012.

COSTA, Felipe Melo da. A Tecnologia estrutural do engenheiro Francisco Bolonha em Belém-PA. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2016.

Cravo da Silva, Simone Os Pavilhões em ferro do Mercado Bolonha e Adolpho Lisboa : Patrimônio de uma arquitetura pré-fabricada / Simone Cravo da Silva. — 2019.

DA SILVA, Rosário Lima; FERNANDES, Paulo Chaves; DE MIRANDA, Victorino Coutinho Chermont (Ed.). *Belém da saudade: a memória da Belém do início do século XX em cartões-postais*. SECULT-PA, 2014.

DE NARA, Carta. Documento de Nara sobre la Autenticidad. 1994.

DIAS, Adriana Modesto Coimbra et al. A cidade como narrativa: Francisco Bolonha e o papel da arquitetura e da engenharia no processo de modernização da cidade de Belém-1897-1938. 2014.

DO RESTAURO, Carta. Disponível em < <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos.Carta%20do%20Restauro>, v. 201972, 1972.

FABRIS, Annateresa. Arquitetura eclética no Brasil: o cenário da modernização. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 1, n. 1, p. 131-143, 1993.

FARIA, Maria Beatriz Maneschy et al. Arquitetura residencial eclética em Belém do Pará (1870-1912): Um estudo da gramática das fachadas. 2013. Federal do Pará, Belém, 2003.

FERRANTI, Tatiara Rodrigues; SOUZA, CPBDE. Arte e cultura na Belém da Belle Époque. Revista Trías, n. 6, p. 1-15, 2013.

GOMIDE, José Hailon; SILVA, Patricia Reis da; BRAGA, Sylvia Maria Nelo. Manual de elaboração de projetos de preservação do patrimônio cultural. Brasília: Ministério da Cultura, Instituto do Programa Monumenta, 2005.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: Iphan, 1999

JÚNIOR, Mello; DE OLIVEIRA, Antônio. O significado e o uso do conceito de autenticidade na preservação do patrimônio edificado: os paradigmas de Brasília e Ouro Preto. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

KÜHL, Beatriz Mugayar. História e ética na conservação e na restauração de monumentos históricos. Revista CPC, n. 1, p. 16-40, 2006.

KÜHL, Beatriz Mugayar. Notas sobre a Carta de Veneza. Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material, v. 18, n. 2, p. 287-320, 2010.

LOBATO, C.; ARRUDA, E.; RAMOS, A. Palacete Bolonha: uma promessa de amor. Belém: Ed. da UFPA, 2007.

MATOS, A.L.N. O ecletismo na arquitetura residencial de José Sidrim: uma análise da formação intelectual deste engenheiro-arquiteto e suas obras residenciais. 2003. Dissertação (Mestrado) — Universidade

MATOS, Ana Léa Nassar et al. José Sidrim (1881-1969): um capítulo da biografia de Belém. 2017.

MIRANDA, Cybelle Salvador. PRESERVATION OF HERITAGE AND PROFESSIONALIZATION OF CULTURE IN BELÉM DO PARÁ: THEORETICAL ASPECTS AND IDEOLOGICAL DIVERGENCES. In: Preserving Transcultural Heritage: Your Way or my Way?, 2017, Lisboa. Preserving Transcultural Heritage: Your Way or my Way?. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2017. v. 1. p. 109-121.

NESBITT, Kate. UMA NOVA AGENDA PARA A ARQUITETURA. In:____. Expressão tectônica. (2a EDICAO). Editora Cosac Naify, 2008. cap.12, p. 535-569.

OLIVEIRA, Caroline Rodrigues De. ARQUITETURA CONTEMPORANEA E ESTÉTICA DO ECLETISMO NA CIDADE DE BELÉM DO PARÁ. 2017

PATETTA, Luciano. Considerações sobre o Ecletismo na Europa. Ecletismo na arquitetura brasileira. São Paulo: Nobel, p. 8-27, 1987.

PINHEIRO, Luís da Cunha; RODRIGUES, Maria Manuel Marques. A belle époque brasileira. Lisboa CLEPUL, 2012.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos. Preservar não é tomar, renovar não é pôr tudo abaixo. Revista Projeto, v. 86, p. 59-63, 1986.

SANTOS, Joaquim Rodrigues dos (ed.), Preserving Transcultural Heritage: Your Way or My Way? Questions on Authenticity, Identity and Patrimonial Proceedings in the Safeguarding of Architectural Heritage Created in the Meeting of Cultures, Casal de Cambra, Caleidoscópio, 2017.

SOARES, Karol Gillet et al. As formas de morar na Belém da Belle-Époque (1870-1910). 2008.

ZANCHETI, Sílvio Mendes et al. Da autenticidade nas cartas patrimoniais ao reconhecimento das suas dimensões na cidade. CECI-Textos para Discussão-Série, v. 3, 2008.

ANEXOS